CASA-GRANDE & SENZALA

EM QUADRINHOS

GILBERTO FREYRE

Casa Grande & Senzala

em quadrinhos

Gilberto Freyre

Casa Grande & Senzala

em quadrinhos

Adaptação de Estêvão Pinto
Ilustrações de Ivan Wasth Rodrigues
Colorização de Noguchi

1ª edição, Ebal Editora, 1981
1ª reimpressão, 1982
2ª reimpressão, 1983
2ª edição, Letras e Expressões/Abegraf, 2000
1ª reimpressão, 2001
3ª edição, Global Editora, 2005
2ª reimpressão, Global Editora, 2007

Jefferson L. Alves – *diretor editorial*
Gustavo Henrique Tuna – *editor assistente*
Flávio Samuel – *gerente de produção*
Ana Cristina Teixeira – *assistente editorial*
Cecilia Reggiani Lopes e Luiz Guasco – *preparação de texto*
Ana Cristina Teixeira e Cláudia Eliana Aguena – *revisão*
Ivan Wasth Rodrigues – *ilustrações*
Noguchi – *colorização*
Reverson R. Diniz – *editoração eletrônica*
Bartira Gráfica e Editora – *impressão e acabamento*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pinto, Estêvão, 1895-1968.
Casa-grande & senzala em quadrinhos / Gilberto Freyre ; adaptação Estêvão Pinto; ilustrações de Ivan Wasth Rodrigues; colorização de Noguchi. – 2. ed. – São Paulo : Global, 2005.

ISBN 85-260-1059-X

1. Brasil – Usos e costumes 2. Escravidão – Brasil 3. Família – Brasil 4. História em quadrinhos 5. Índios da América do Sul – Brasil 6. Negros – Brasil 7. Sociologia – Brasil I. Freyre, Gilberto, 1900-1987. II. Rodrigues, Ivan Wasth. III. Noguchi. IV. Título

05-8079 CDD-741.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Histórias em quadrinhos 741.5

Global Editora e Distribuidora Ltda.
Rua Pirapitingüi, 111 – Liberdade
CEP 01508-020 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3277-7999 – Fax: (11) 3277-8141
e-mail: global@globaleditora.com.br
www.globaleditora.com.br

Nº de Catálogo : **2715**

CASA GRANDE & SENZALA

EM QUADRINHOS

Não foi por acaso que Gilberto Freyre incentivou a elaboração de uma versão em quadrinhos de sua obra-mestra. Nos anos 1920 e 1930, época em que os principais intelectuais brasileiros estavam concentrados no desafio de pensar o Brasil, Gilberto Freyre escreveu uma obra na qual abordou as contribuições portuguesas, indígenas e africanas no processo de formação do povo brasileiro. É com um estilo marcante que Freyre discorre sobre a ação dos portugueses nos primeiros tempos da colonização, jogando luzes sobre as contradições que envolveram o contato entre portugueses e indígenas e, posteriormente, a inserção do africano na América portuguesa. Para demonstrar a presença indígena na formação da sociedade brasileira, o sociólogo recorre à culinária, aos hábitos de higiene pessoal e ao vocabulário da língua portuguesa falada no Brasil, revelando suas reminiscências indígenas. A influência da África na formação histórica brasileira, que ocupa a maior parte do livro de Freyre, é exposta através do estudo da religião, da alimentação, do vestuário, dentre outros aspectos. O autor demonstra que o africano, mesmo sob a condição escrava, marcou de forma poderosa a civilização luso-cristã que aqui se estabeleceu. É bem verdade que, para compor esta ampla radiografia do povo brasileiro, Freyre realizou exaustivas pesquisas em arquivos nacionais e do exterior. Entretanto, para dar realce aos principais traços da sociedade brasileira que se formava, o pernambucano também lançou mão de uma infinitude de imagens através de sua escrita. A prosa de Gilberto Freyre sempre provoca no leitor sensações que ultrapassam as letras e linhas, levando-o a sentir cheiros e gostos e a imaginar cenas cotidianas do passado brasileiro. Como o próprio Freyre afirma em seu prefácio à primeira edição de *Casa-Grande & Senzala*, "É um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos."

Casa-Grande & Senzala teve sua versão quadrinizada publicada pela primeira vez em 1981, com adaptação feita pelo antropólogo e historiador pernambucano Estêvão Pinto. O texto em quadrinhos, como notarão aqueles que conhecem o teor da obra-mestra de Freyre, procurou manter-se o mais próximo possível do texto original. As ilustrações da primeira edição foram feitas por Ivan Wasth Rodrigues e foram publicadas em preto e branco, a fim de que a obra tivesse um preço acessível. Posteriormente, em 2000, por ocasião do centenário de nascimento de Gilberto Freyre, publicou-se uma nova edição de *Casa-Grande & Senzala em Quadrinhos*, desta vez com os desenhos de Rodrigues cuidadosamente colorizados por Noguchi. A edição em cores trouxe nova vida ao livro, dando ainda mais vivacidade à colorida prosa de Freyre.

Em seu diário de adolescência e mocidade, Freyre comenta que tinha mais propensão ao desenho do que à escrita. Ele observa que, quando tinha entre 7 e 8 anos, Mr. Williams, seu professor particular que lhe deu as primeiras lições de língua inglesa, animava-o a desenhar, vendo sua dificuldade para aprender a ler e a escrever. Freyre seguiu o conselho de seu professor durante toda a sua vida, pintando

aquarelas com personagens e cenas da vida cotidiana brasileira sobre as quais tantas linhas escreveu, como os sinhôs, as sinhás, as casas-grandes, as senzalas, os sobrados, os mucambos etc. O pernambucano tinha predileção por suas pinturas e assinava no canto direito inferior de cada uma delas: "Gil". Algumas delas podem ser vistas hoje nas paredes de sua casa em Apipucos, no Recife, hoje sede da Fundação Gilberto Freyre. Na mesma casa, vêem-se quadros de pintores famosos como Emiliano Di Cavalcanti, José Pancetti, Cícero Dias, Francisco Brennand, Lula Cardoso Ayres, Vicente do Rego Monteiro, entre outros. A paixão de Freyre pela pintura era confessa. Era natural que desejasse ver sua obra-mestra numa versão que reunisse imagens que ele buscou evocar através de sua escrita. Para o bem das ciências humanas no Brasil, Freyre continuou também escrevendo e deixou uma obra fundamental para a compreensão da sociedade brasileira.

Ratificando seu compromisso com a cultura brasileira, a Global Editora publica esta nova edição de *Casa-Grande & Senzala em Quadrinhos*, revista e em cores, renovando seu propósito de contribuir para a divulgação das idéias do mestre de Apipucos.

Os Editores

Palavras do Autor

Transcrita da 1ª edição de *Casa-Grande & Senzala em Quadrinhos*

Em sua brilhante introdução à recém-aparecida edição venezuelana de *Casa-Grande & Senzala*, Mestre Darcy Ribeiro lembra que o autor desse livro gosta de elogios como menino, de doces. Pura verdade. Como pura verdade é este seu outro gosto ou deleite: elogiar o que admira.

Está neste caso o trabalho artístico de Ivan Wasth Rodrigues para a edição quadrinizada de *Casa-Grande & Senzala* – realizada do Professor Estevão Pinto – que a Editora Brasil-América – ou seja, o admirável Adolfo Aizen – lança este ano, sob os auspícios do Ministério da Educação e da Cultura e o patrocínio do Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Educação, Diretoria de Serviços Educacionais, Departamento de Cultura de Recife. Trabalho admirável. Merecedor de louvores.

Ivan Wasth Rodrigues soube fazer de *Casa-Grande & Senzala*, do modo o mais fiel ao livro, um regalo para os olhos e para a inteligência da criança brasileira. Da criança brasileira, do adolescente e do adulto. Pode-se, aliás, dizer de *Casa-Grande & Senzala* ter nascido como uma predisposição à espécie de edição – a quadrinizada – agora realizada brilhantemente por Adolfo Aizen através de artista tão mestre de sua arte como Ivan. Pois é história da formação brasileira, do começo ao fim, escrita através de sugestões plásticas. Através de forma, de imagens, de símbolos. "Nada de seco nem abstrato", disse dele a arguta crítica francesa, quando apareceu em Paris. "Nova maneira de escrever-se história", já dissera Blaise Cendrars. E essa maneira, a de quem escreveu livro tão revelador pintando e desenhando palavras, como se no escritor permanecesse o menino que apenas viria aprender a ler aos oito anos. Antes, foi como se se antecipasse o dia em que educadores, dentre os melhores, recomendariam na chamada história em quadrinhos valioso auxiliar do processo educativo.

Lembra-se do autor de *Casa-Grande & Senzala* ter defendido pioneiramente esse ponto de vista na Câmara dos Deputados no ano já remoto de 1948, quando Deputado por Pernambuco pela vontade da juventude universitária. Que se consagrasse – dizia ele – esse novo gênero de histórias: as desenhadas – para meninos e mesmo para gente grande. Que, através de desenhos, se divulgassem também vidas de grandes brasileiros como a de José Bonifácio, a de Osvaldo Cruz, a de Vital Brasil; aventuras como as de Santos-Dumont e de Cândido Rondon. Que se considerasse a advertência da psicóloga Dra. Bender: que os símbolos, as imagens, os desenhos das boas histórias em quadrinhos ajudam até mesmo os adultos de hoje a ajustarem suas personalidades ao mundo contemporâneo. Um mundo mais existencial do que abstrato.

Gilberto Freyre

Apipucos 1981

Introdução

A *Casa-Grande* e a *Senzala* são as imagens mais vivas da nossa história social. Esses dois símbolos, em todo o Brasil de formação patriarcal*, mas sobretudo do Norte e do Nordeste, mostram como se processou, entre nós, as relações entre os chamados "brancos" e as chamadas "raças de cor". Ou, melhor, como se formou, entre senhores e escravos, o regime das vastas propriedades (latifúndios), onde se cultivava quase que só um produto (monocultura), com as virtudes e os defeitos da família patriarcal. Em suma, a casa-grande e a senzala explicam as vantagens e desvantagens da colonização portuguesa. E foi principalmente na zona agrária do Brasil que melhor se desenvolveu essa sociedade semifeudal.

Mas a casa-grande, de grossas paredes de pedra e cal, de alicerces profundos, coberta de palha ou de telha vã, com seus alpendres na frente ou aos lados, não é nenhuma reprodução da moradia portuguesa; é, antes, uma expressão nova, adaptada ao clima e às condições de vida do Brasil colonial. Completada pela senzala, a casa-grande, algumas delas com tradição de mal-assombradas, representa todo um sistema de produção de trabalho e de vida familiar. E serviu, ainda, de fortaleza, de cemitério, de hospedaria, de escola, de hospital de misericórdia para velhos e órfãos, de convento de moças e até de banco (nas paredes grossas ou debaixo do chão de tijolo enterravam-se jóias e dinheiro). Em torno dela, de sua enorme cozinha, de sua capela, de sua comprida sala de jantar, de seus copiares – a do Sul com ar mais fechado e mais retraído que a do Norte – criou-se o tipo de civilização mais estável da América, não só portuguesa como espanhola.

---

* "Patriarcado", "patriarcalismo", daí, "família patriarcal", "formação patriarcal" – Tipo de sociedade ou organização social antiga, existente, por algum tempo, entre os romanos, os hebreus e outros povos, em que o chefe de família (patriarca) tinha poderes quase absolutos sobre a esposa e sobre os filhos, sendo mesmo o sacerdote do lar. Nesse regime, servos e escravos faziam parte integrante da família e os filhos do sexo masculino, ainda que casados, viviam sob domínio do patriarca. O sistema impunha, também, a existência do latifúndio.

Quando os portugueses, a partir de 1532, iniciaram efetivamente a colonização do Brasil, já tinham uma experiência de cem anos de vida nos trópicos. Cem anos de África.

Isso sem falar no conhecimento, de mais de um quarto de século, da Índia.

Por seu clima e por suas condições geográficas, Portugal se aproximava mais da África do que da Europa. E a paisagem do Brasil não era muito diferente da paisagem da África.

Foi a influência dos trópicos sobre os homens e valores do Velho Mundo que amoleceu a rigidez de certos costumes europeus, predispondo, assim, o português para uma colonização que também exigia adaptação e tolerância.

O Brasil era uma continuação da África ou da Índia. A própria mulher indígena, de pele morena, lembrava a "moura encantada" – essa espécie de sereia das lendas e das tradições lusitanas. Sobretudo quando se banhava nos rios.

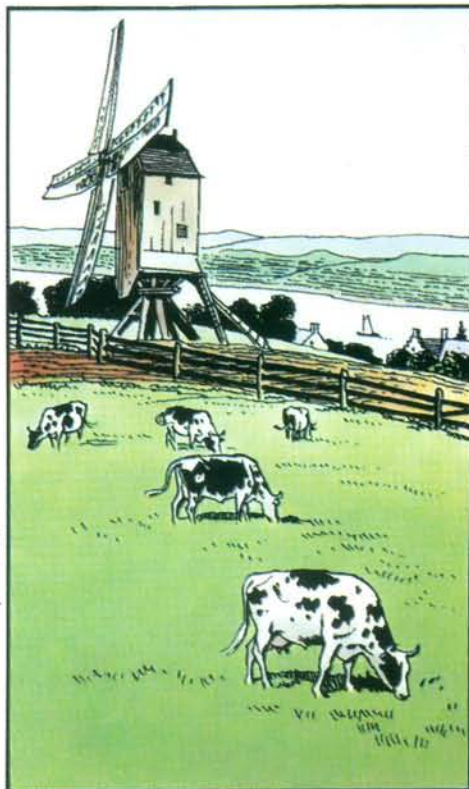
É verdade que a vida no Brasil teria de ser diferente da vida levada na África ou na Índia. Agora, não bastava apenas comprar e vender mercadorias.

Era preciso fundar uma nova sociedade, com base na agricultura, no trabalho escravo e na família estável. E isso não foi muito fácil, apesar da experiência que o português tinha do clima ou do meio tropical.

O trigo, por exemplo, teve que ser substituído pela farinha de mandioca. E, além de alguns trechos de terra preta ou roxa, o solo estava longe de ser a maravilha onde bastava plantar para produzir tudo.

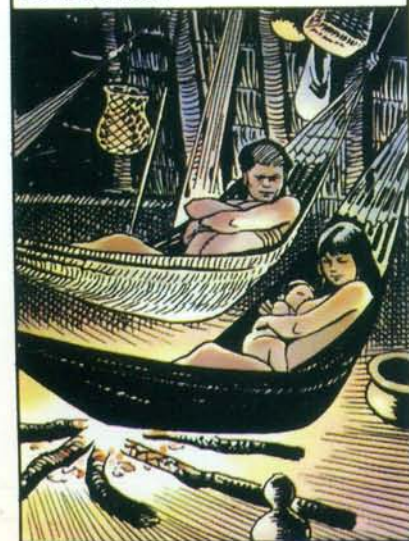
E isso sem falar nas enchentes dos rios...

... nas secas periódicas...

... nas lagartas de roça, nos mosquitos e em outras pragas.

A tal respeito, o colonizador inglês, nos Estados Unidos da América, levou vantagem sobre o colonizador português. Na colônia de Nova Iorque, a farinha de trigo era fabricada à moda da Europa, com moinhos e outros materiais do tipo europeu.

Mesmo os grandes rios eram, pelo menos no começo, de pouco proveito. Só os pequenos rios serviam melhor ao colono, moendo a cana-de-açúcar, regando os canaviais, transportando as mercadorias. Rios do tipo do Una, do Serinhaém, do Paraíba, do Ipojuca.

Nem havia, no Brasil, reis de Cananor...
... ou sobas de Sofala.
Nem sedas, nem tapetes. Nem pérolas ou rubis, pelo menos aparentemente.
Somente matas virgens.

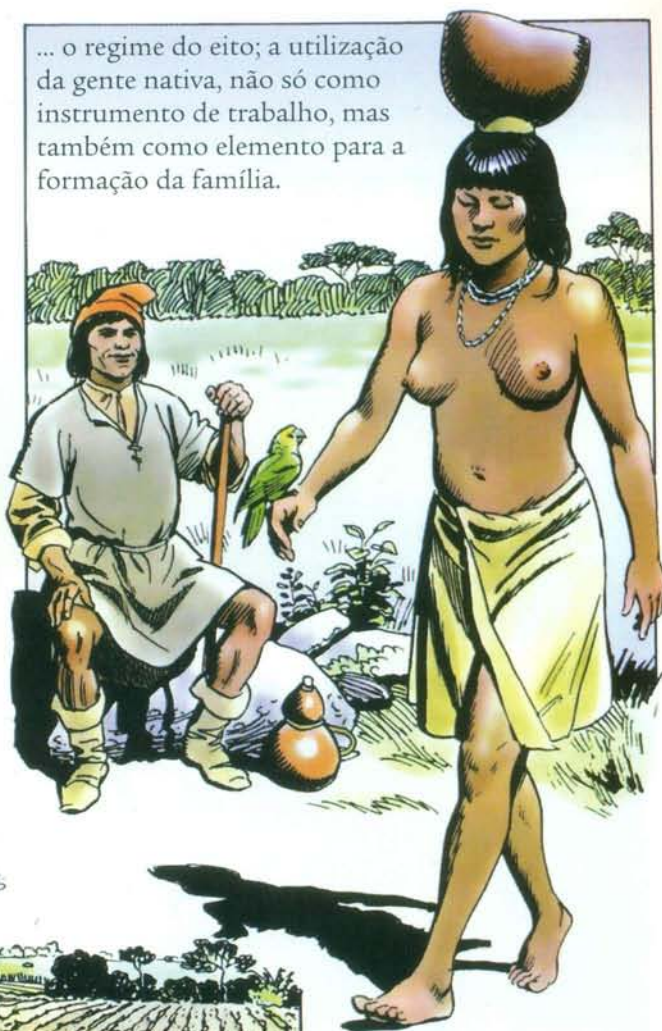
E índios, dormindo em redes ou no chão...

... e alimentando-se da caça ou da pesca.

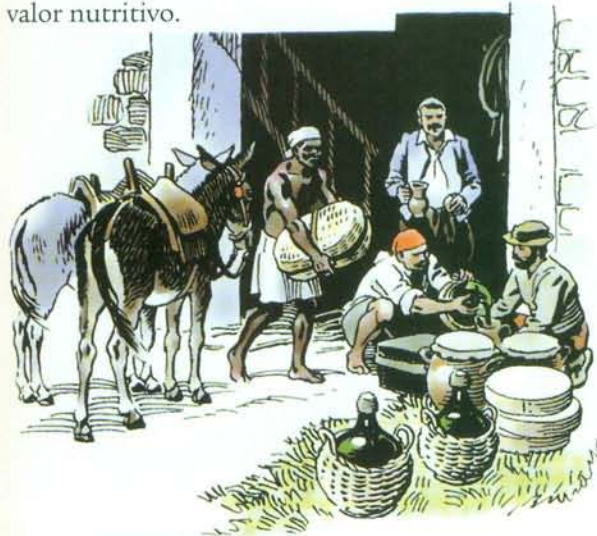
Para traficar apenas pau-de-tinta, peles, sagüis e papagaios.

Por outro lado, a colonização do Brasil teria sido uma obra mais de particulares do que do governo português. São os portugueses os primeiros colonos europeus que se estabelecem na América em verdadeiras colônias, vendendo, para tal fim, tudo o que possuíam nas suas terras de origem.

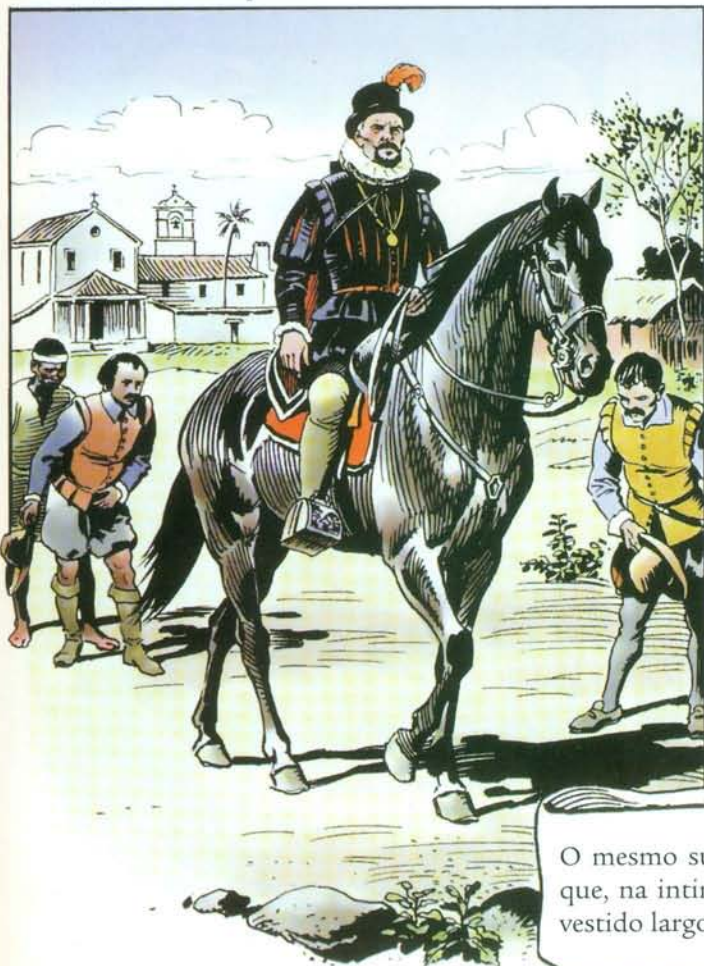
... as primeiras moendas de açúcar...

Caracterizavam o sistema colonial português os seguintes elementos: a exploração da riqueza vegetal; a agricultura; o sistema de sesmarias (terrenos concedidos, sob certas condições, a quem os quisesse cultivar)...

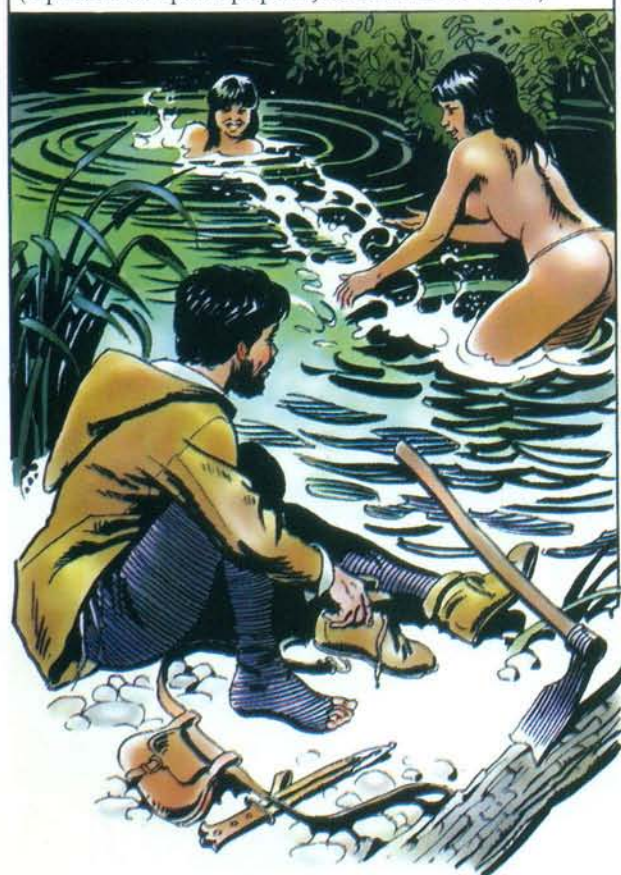
A colonização portuguesa é marcada principalmente pelo domínio e supremacia da família rural ou semi-rural.

Os portugueses não trouxeram para o Brasil preferências por sistemas políticos ou por essa ou aquela raça ou nação. Apenas exigiam eles que os colonos fossem cristãos. Em certas ocasiões, ia um frade a bordo dos navios de imigrantes verificar a fé religiosa do colono. E era tudo.

A monocultura da cana-de-açúcar, feita em grande escala na Bahia, no Maranhão e em Pernambuco, concorreu para uma alimentação deficiente: poucas frutas, legumes raros, carne de boi de má qualidade e em pouca quantidade. Os colonos mandavam vir de fora muitos alimentos quase sempre em conserva e de pouco valor nutritivo.

O Padre Fernão Cardim, que visitou o Brasil na segunda metade do século XVI, diz que foi recebido nas fazendas e nos colégios dos jesuítas com mesa farta e leitos macios. Mas isso, se não é exagero, parece ter sido uma exceção.

Havia alguns senhores de engenho que usavam, quando a cavalo, estribos de prata...

... mas viviam em casa como uns franciscanos – descalços e de chambres de chita.

O mesmo sucedia, em regra, às grandes damas, que, na intimidade do lar, usavam cabeção (um vestido largo de algodão) e chinelo sem meias.

O escravo negro era relativamente bem alimentado, concorrendo para melhorar a dieta do colono branco com a introdução, entre nós, de preciosos frutos ou vegetais, vindos, por seu intermédio, da África. E do Oriente, o português trouxe alguns outros alimentos.

A sociedade brasileira foi em toda a América a que melhor manteve em harmonia as relações de raça. Embora sem ir ao excesso, é incontestável ter sido valiosa a interpenetração das duas culturas: a branca (representada principalmente pelo português) e a ameríndia (representada pelas populações nativas do Brasil).

Facilitou a mistura das duas "raças" a preferência da mulher gentia pelo homem branco: sonhava a nossa índia em ter filhos pertencentes a um povo que considerava superior, pois, segundo as suas idéias, só tinha valor o parentesco pelo lado paterno.

Dos nossos índios herdamos muitos costumes e elementos culturais. Por exemplo: o óleo vegetal para o cabelo; a rede (que servia de meio de transporte e até de caixão de defunto)...

... o processo da coivara:

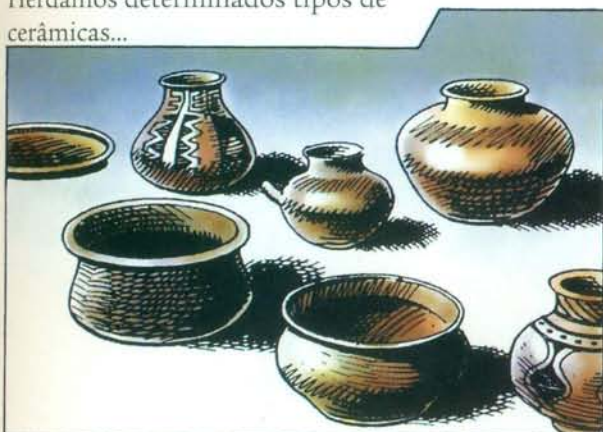
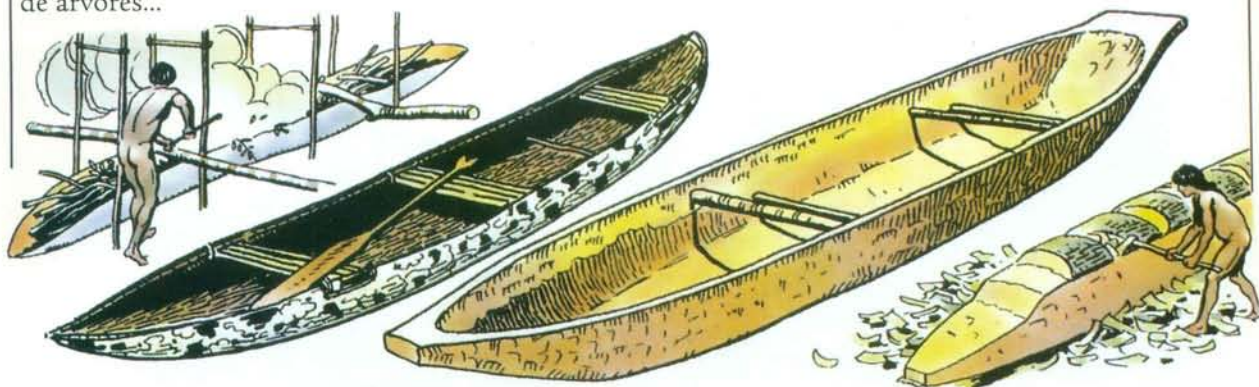
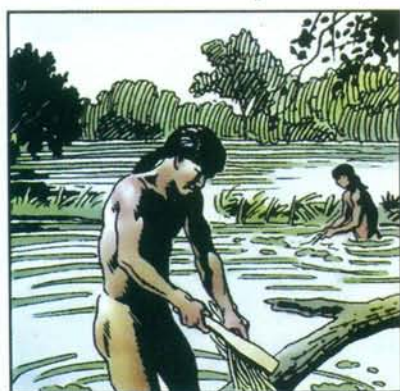
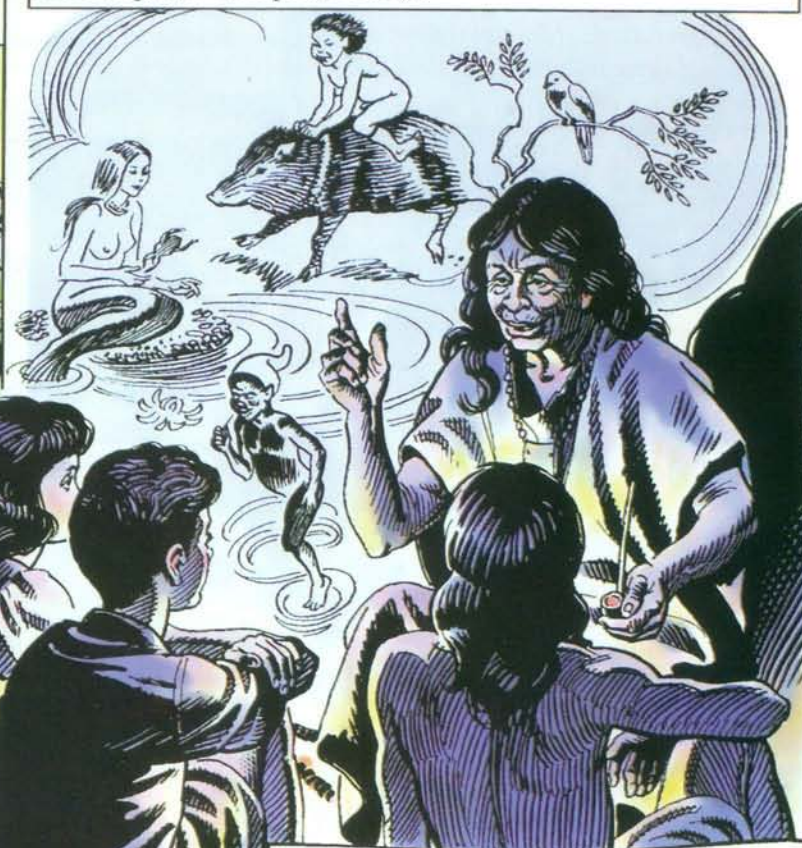
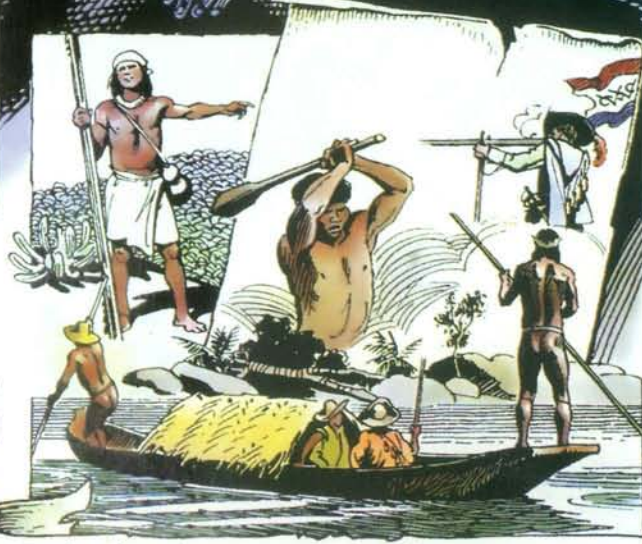
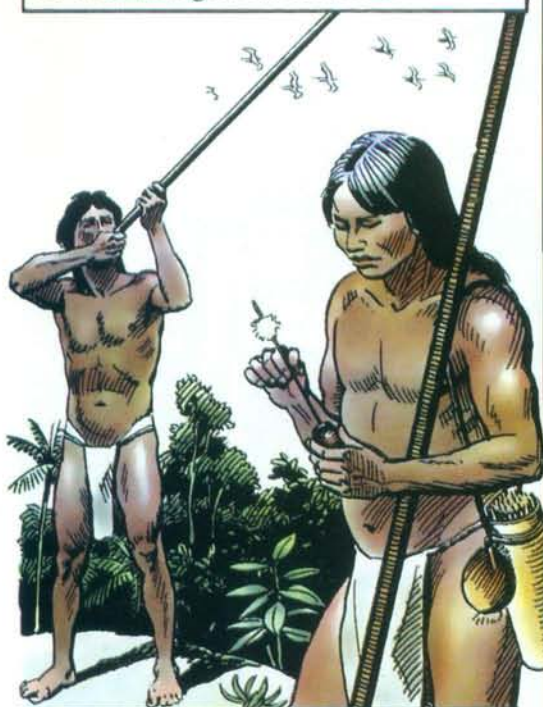
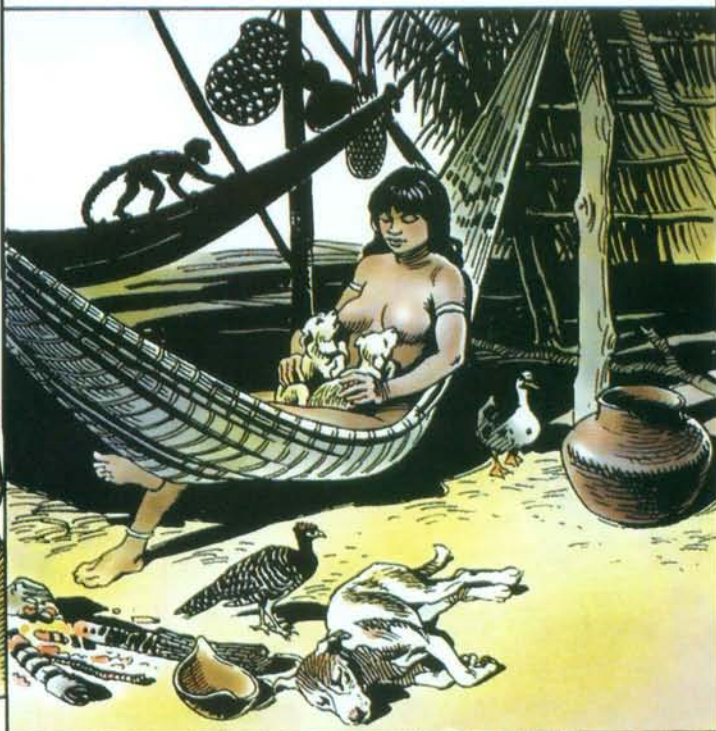
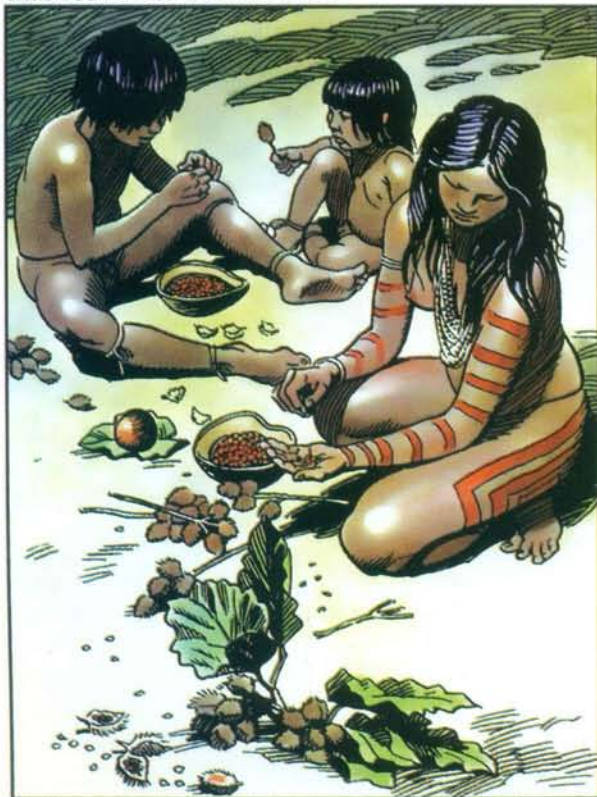
o mato é roçado...

... depois de seco, põe-se fogo.

No solo assim preparado...

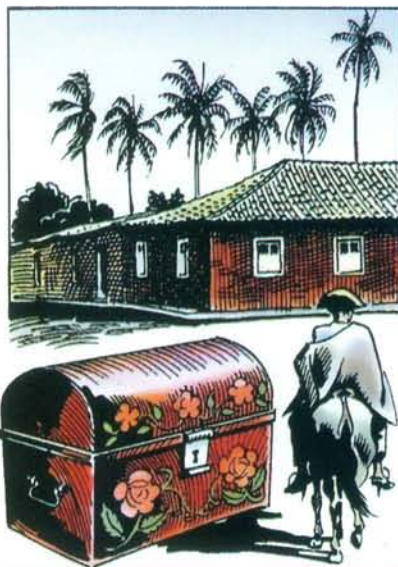
... fazem as mulheres as suas plantações, cavando-se a terra com paus e usando as cinzas como adubo.

Ainda dos índios herdamos o preparo da mandioca e de seus derivados, pois a farinha de mandioca veio substituir o trigo.

Herdamos determinados tipos de cerâmicas...

... ou de cestaria.

... certas técnicas de pescaria (lançar veneno na água, anzol, armadilha, rede e fisga denteada)...

... alguns brinquedos ou jogos infantis (nos quais as crianças imitavam pássaros, cobras e outros animais)...
... numerosos contos, lendas e superstições populares (a Peitica, a Mãe-d'água, o Curupira, o Saci)...
... estando presente ainda hoje, entre as crianças brasileiras, a crença nos bichos-do-mato.
Assim como parece terem sido de influência indígena certas formas de poesia anônima, tais como os romances de vaqueiros, muito correntes nos sertões do Norte ou nas zonas das secas, sobretudo nas regiões antes habitadas pelos cariris.
Na obra da exploração e conquista dos sertões, o nosso ameríndio era o guia, o canoeiro, o soldado, o caçador e o pescador. O mameluco, descendente do branco com índio, prestou relevantes serviços nessas atividades.

Não devemos esquecer ainda que foram os ameríndios que nos ensinaram o método de fabricar o curare (veneno violentíssimo, extraído da casca de um cipó), hoje utilizado com vantagens na medicina.

Os indígenas do Brasil não tinham animais de carga, mas apenas bichos domésticos. Eram os xerimbabos ou animais de estimação (as araras, os sagüis, os patos). Ainda hoje esse costume é comum entre as populações do interior.

Talvez o gosto ou preferência pela cor vermelha, no traje das mulheres, seja o resultado da influência das três culturas, a ameríndia, a negra, a portuguesa, mas sobretudo da ameríndia.

Os índios pintavam-se muito de urucum. O vermelho era usado em diversas cerimônias sociais (nas danças, nos funerais, na guerra).

Nos vários xangôs e seitas africanas, existentes no Recife ou em seus arredores, o vermelho é o tom mais usado na roupa dos devotos.

No Brasil, a tendência para o vermelho é evidente nos estandartes dos clubes carnavalescos ou nos mantos das rainhas do maracatu.

E na pintura externa das casas ou nos baús de folha-de-flandres...

... e na pintura dos tabuleiros de bolos.

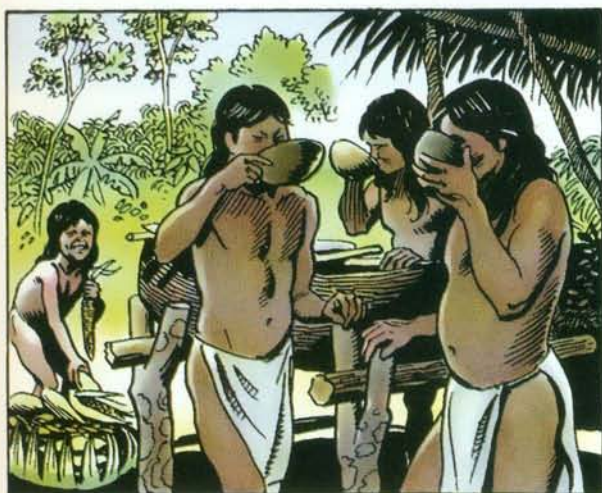
Com a mandioca, da qual já falamos, preparavam-se inúmeros quitutes e alimentos. Muitos deles nos foram ensinados pela cunhã*, tais como a farinha comum, a farinha-d'água, o mingau, o beiju, o bolo de carimã, o bolo de macapatá, a tapioca de coco ou tapioca molhada, etc.

... na pintura dos ex-votos (quadros ou quaisquer outros objetos que se expõem nas igrejas ou capelas em agradecimento a uma graça alcançada)...

** nome tupi, dado à mulher ameríndia, entre os 25 e os 40 anos.*

A mulher ameríndia representou um enorme papel na economia primitiva da colônia. Era ela quem tecia os balaios e outros apetrechos de palha...
... ou as redes de algodão e as fitas para enfeitar os cabelos...
... quem fabricava as vasilhas de barro...
... quem ia buscar água nos rios ou nas fontes...
... quem se ocupava do preparo dos alimentos (farinhas, bolos, carnes, vinhos).
Isso sem falar nos cuidados e educação das crianças.

Não era somente da mandioca que a cunhã fazia os alimentos. Usava também o milho, do qual se extraía o abati, uma espécie de vinho.

Cabia ainda à cunhã pilar a carne, que, misturada à farinha, se transformava na paçoca. Com o peixe, fabricava também outra espécie de farinha, o pirauí.

Um dos alimentos, de tradição indígena, que ocupava lugar importante nas regiões do Norte, é o pirarucu. O pirarucu, conservado em salmoura, faz as vezes do bacalhau e do charque.

Outra tradição culinária, de origem indígena, é a mixiria, que se preparava não só com o peixe, mas também com a tartaruga, a anta e outros animais, assados na própria banha a fogo brando.

E ainda a pokeka, que se africanizou e se abrasileirou deliciosamente na moqueca da cozinha das casas-grandes. A moqueca é o peixe assado no rescaldo, que vem todo embrulhado em folha de bananeira.

A folha de bananeira-de-são-tomé, talvez introduzida pelo negro, era de uso freqüente no Nordeste e servia para envolver os produtos de coco, de mandioca, de arroz e de milho. Um exemplo de confraternização. Mas é certo que as nossas ameríndias já conheciam algumas espécies de bananeiras. Pacova é nome de origem indígena.

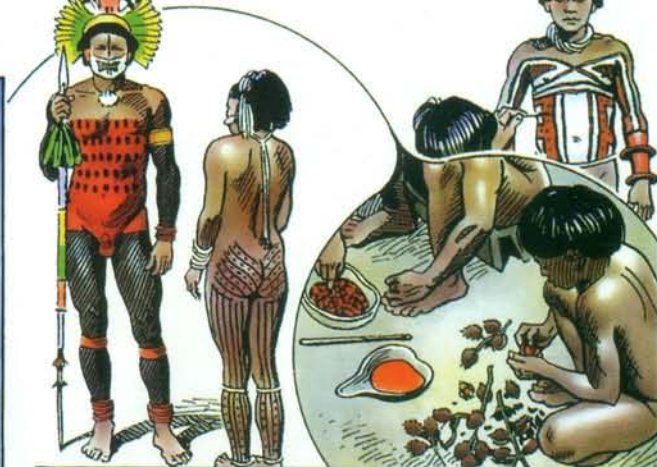
A maçoca – menos conhecida que o mingau, a moqueca e a canjica – tem muito uso ao norte e no centro do Brasil. É a massa de mandioca, espremida, socada no pilão e seca ao sol; posta em paneiro, é este pendurado a certa altura do fogo para manter-se a massa sempre enxuta.

A tapioca de coco é mais um exemplo de confraternização ou convergência de culturas diversas: a bananeira africana, a mandioca indígena, o coco asiático, o sal europeu.
Pernambuco e outras regiões nordestinas e, mais para o Equador, o Maranhão, delimitam as duas zonas mais intensas dessa confraternização.

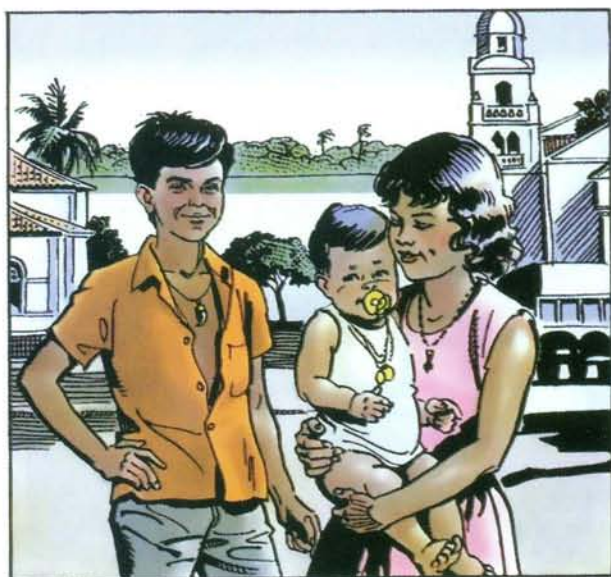
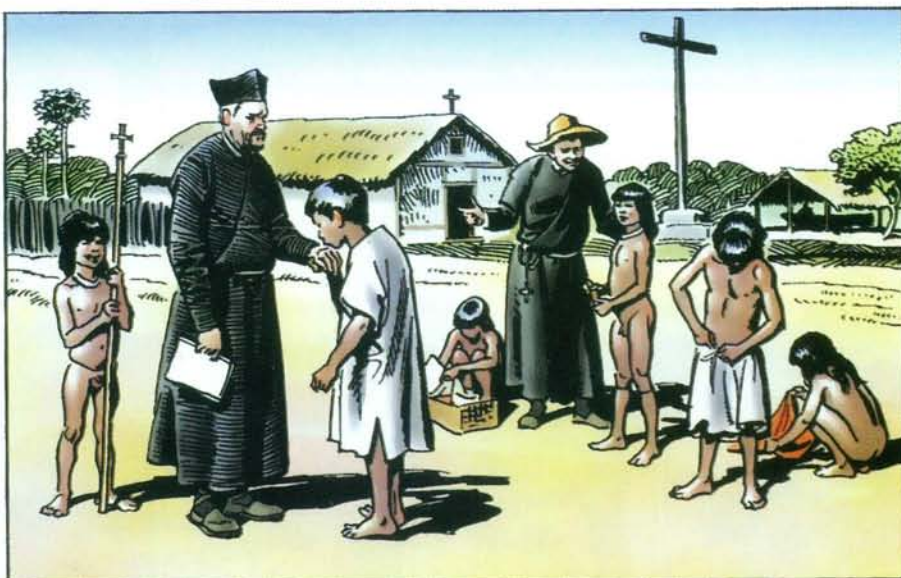
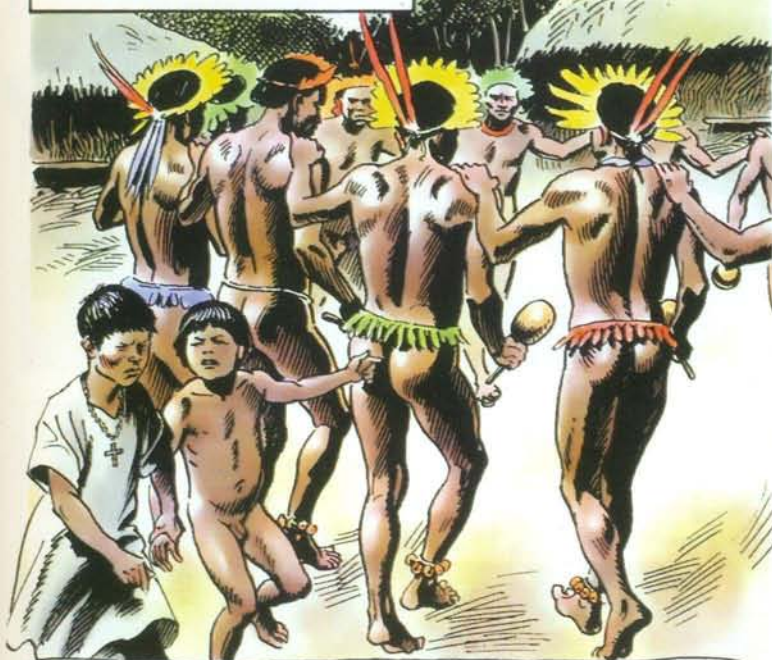
O tipiti, usado pelos indígenas para espremer a massa de mandioca, é um saco de junco ou outra planta, resistente e elástica, pendurado acima do solo; o peso na extremidade solta do tipiti espreme o líquido venenoso.

A carne da tartaruga ou da tracajá era também, para os índios, alimento importante. Dos ovos desse animal se faziam quitutes como o arabu.

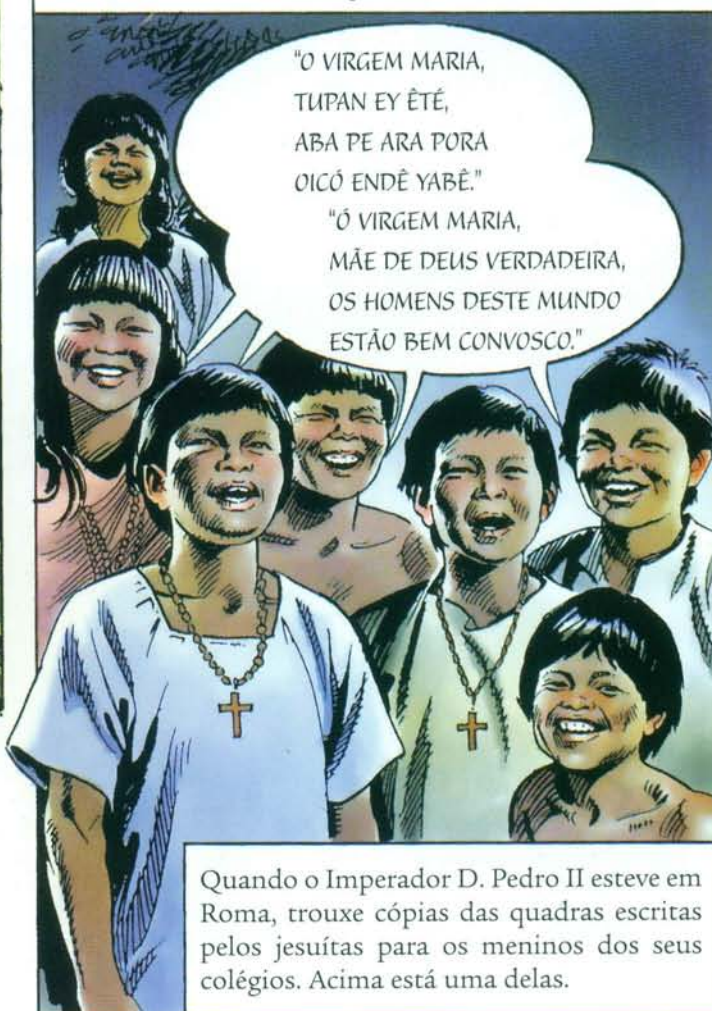
Os nossos índios abusavam muito da pimenta, hoje em dia bastante empregada na cozinha brasileira. No extremo norte existe a juquitaia, condimento feito de malagueta e sal. A malagueta, depois de seca, é levada ao forno e, em seguida, ao pilão, tudo isso misturado ao sal.

Numerosos outros conhecimentos, úteis à vida do colono, nos foram transmitidos pelos indígenas.
Tais como fibras vegetais (o tucum, o caraguatá, a piaçaba)...
... madeiras de construção...
... fabricação de vasilhas de abóboras e de cabaças...
... preparo de várias tintas: o branco da tabatinga, o preto do jenipapo, o amarelo da tatajuba, o vermelho do urucum.
Ainda parece ter o indígena contribuído para o costume, comum na zona setentrional do Brasil, de andar descalço. A nossa língua se enriqueceu de numerosos vocábulos:
?
ARAPUCA!
PEREBA!
SAPECA!
EMBATUCAR!
TABARÉU!

Os índios do Brasil incutiam, nos culumins*, muitos agouros e superstições. Os culumins, por exemplo, usavam botoque nos lábios, ou dentes de animais pendurados no pescoço.

** Culumim ou curumim, nomes que os tupis davam às crianças. Kunumy para os homens e Kugnatin para as mulheres.*

Mesmo na atualidade, é comum, sobretudo no Norte, o uso entre as crianças de dentes de animais, de mechas de cabelo, de figas de madeira.

No contato de duas culturas, uma mais atrasada e outra mais avançada, quase sempre a segunda procura destruir ou exterminar na primeira tudo o que se supõe ser contrário à moral ou aos interesses dos dominadores.
Assim fizeram os jesuítas, educando o culumim à maneira dos europeus.

O culumim tornou-se, assim, cúmplice do invasor na obra de tirar da cultura nativa os seus elementos mais originais. Tornou-se inimigo dos pajés, das danças, dos maracás sagrados, das sociedades secretas.
Mas longe estavam os padres de querer a destruição da raça indígena; queriam era vê-la domesticada e aos pés de Nosso Senhor.
E deu-se, então, uma verdadeira inversão dos princípios: o filho tomou o encargo de educar o pai. Conta o Padre Montoya que, certa vez, conseguiram os missionários fazer um velho feiticeiro dançar.
As crianças riram e mangaram do velho pajé, que, daí em diante, teve de sujeitar-se a servir de cozinheiro dos padres.
IHS

Nos dias de festa, os culumins de batinas brancas, enfeitados, com açafates de flores, com turíbulos de incenso, acompanhavam as procissões, ao repique dos sinos e ao ronco da artilharia.

Os culumins prestavam um grande serviço à cultura brasileira - ensinavam aos padres a língua nativa.

Também devemos salientar que a poesia e a música populares no Brasil surgiram desse acordo entre os padres e os culumins. Os cantos, ensaiados pelos jesuítas, procuravam imitar os dos Tupinambás.

Os culumins eram educados em companhia dos meninos órfãos vindos de Lisboa. Não havia, pois, separações raciais com relação aos meninos indígenas.

Os pátios dos colégios foram assim ponto de encontro das duas culturas. O bodoque de caçar passarinho, a bola de borracha, a carrapeta, a gaita de canudo de mamão, etc., ali e noutros lugares se encontraram, misturando-se.

Decorrido, porém, o "período heróico" das atividades jesuíticas, várias missões quase se transformaram em armazém de mercadorias (o açúcar, o mate, o cacau). E os indígenas, conseqüentemente, passaram a ser verdadeiros escravos. Eram "peças", à maneira do açúcar, do mate, do cacau.

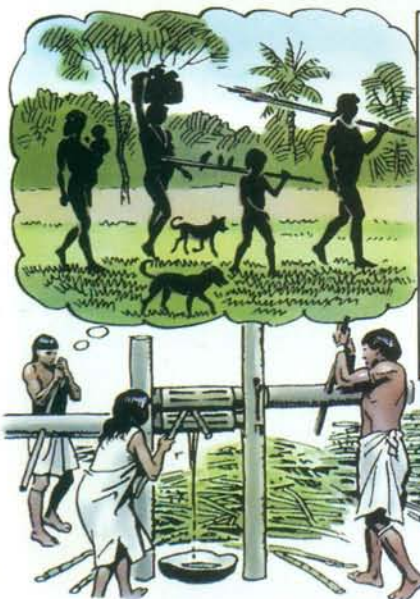
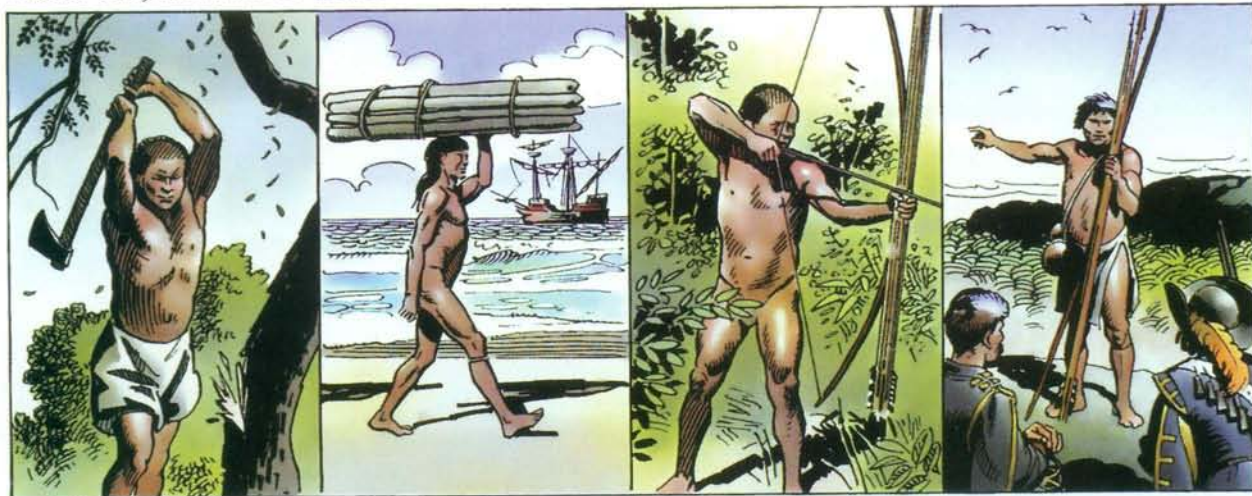
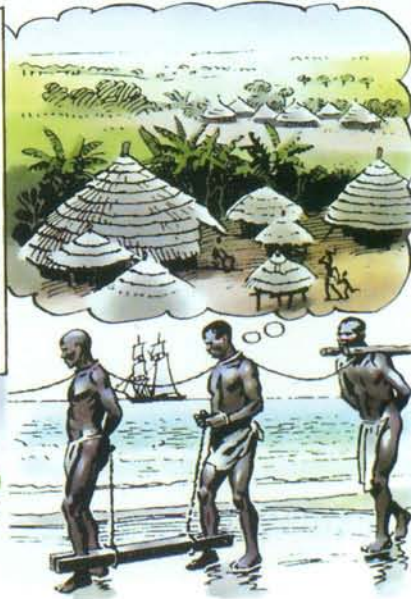
Desse modo, muitos indígenas deram para fugir para o mato, abandonando mulheres e filhos. Ocorreu, assim, a dissolução de numerosas famílias cristãs de caboclos, com resultante aumento da mortalidade infantil.

Causa de muito despovoamento foram ainda as guerras de repressão. Terríveis eram os suplícios e castigos aplicados aos índios.

Outras causas do despovoamento vamos encontrar no trabalho sedentário e sistemático imposto ao índio (nas plantações e engenhos)...

... e nas doenças adquiridas por este contato com os brancos.

Ou nas doenças motivadas pela mudança de seus costumes (a imposição da roupa, por exemplo, que tornou os caboclos menos resistentes às gripes e resfriados).

O índio dava-se admiravelmente com certos serviços – abater árvores, transportar toras de madeira para navios, caçar, pescar, guiar os sertanistas. Mas o regime de trabalho dos engenhos não ia bem com a sua índole. O açúcar matou o índio.

A passagem do nomadismo para o sedentarismo, entre os índios, fora muito brusca e de resultados desastrosos, o que levou o branco a substituí-lo pelo negro. O negro, em geral, culturalmente superior ao ameríndio conhecido pelo português na América, correspondia melhor às contingências do sistema colonizador instalado no Brasil.

Deixando de lado os problemas referentes à influência da cultura indígena nos costumes e na vida econômica da sociedade brasileira, é interessante destacar alguns traços da civilização moura e morisca que se instalaram entre nós através do colonizador português.

Um traço de influência moura, por exemplo, deve ter sido a doçura no tratamento dos escravos; doçura tradicional entre os mouros.

De igual modo, o gosto pela água corrente – bicas, fontes, chafarizes cantando nos jardins das casas.

O inglês Richard Burton surpreendeu, no Brasil do século XIX, o seguinte costume: em nossas escolas primárias, como nas escolas primárias maometanas, as crianças estudavam, cantando, a uma só voz, a tabuada ou trechos de leitura.

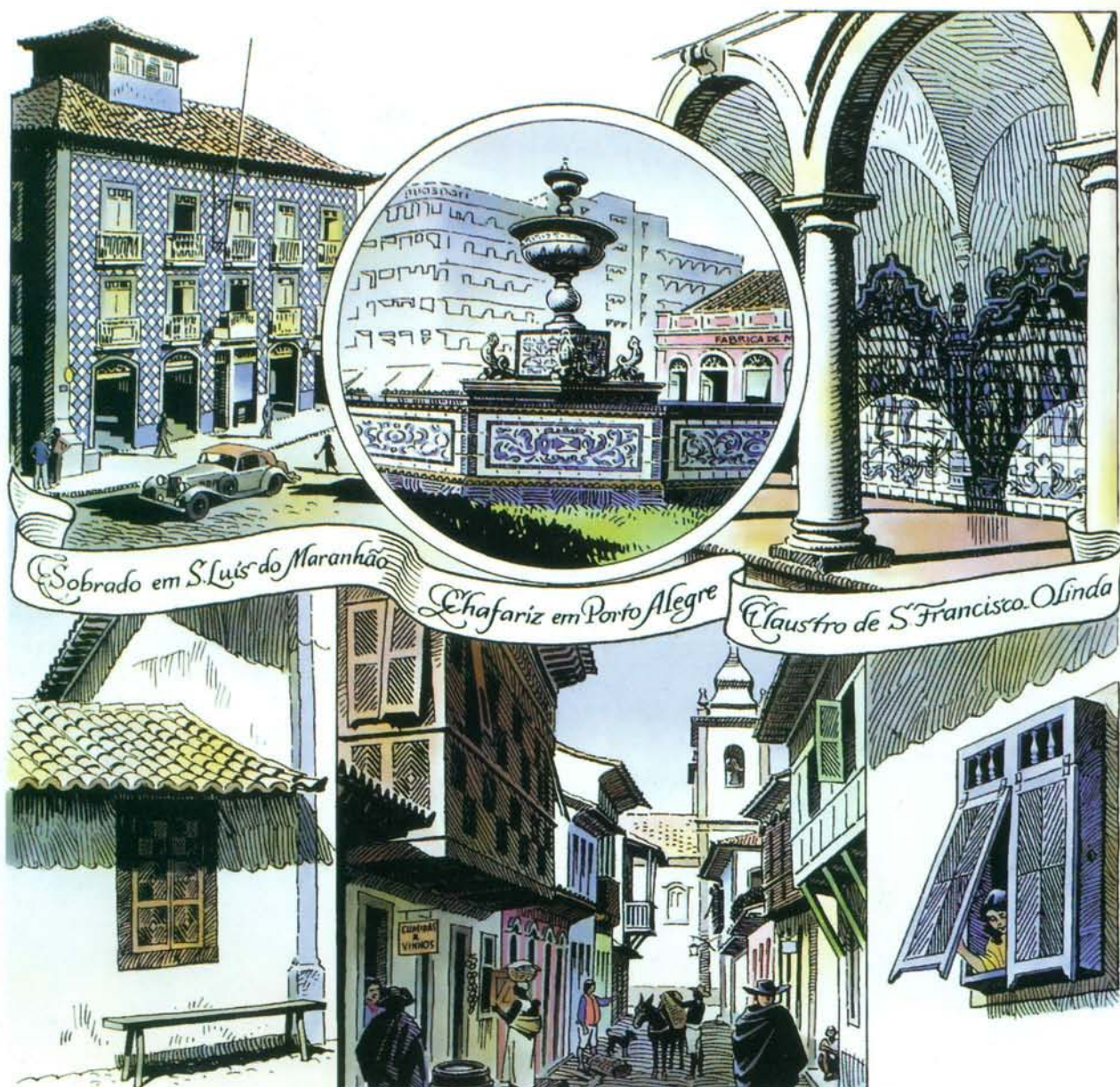
O mesmo observador também registrou o hábito, no interior de Minas e de São Paulo, de as mulheres irem à missa com xales, à maneira das damas árabes.

Os tapetes turcos, as almofadas orientais, as esteiras são também utensílios que possivelmente se tornaram de uso generalizado no Brasil por influência moura ou mourisca.

Outros valores materiais, absorvidos, pelos portugueses, da cultura moura ou árabe, e, depois, transmitidos ao Brasil foram: o emprego dos azulejos nas residências, nos chafarizes e até nas igrejas...

Sobrado em S. Luís do Maranhão

Chafariz em Porto Alegre

Claustro de S. Francisco. Olinda

... a telha mourisca; as gelosias (janelas de rótulas), abalcoados ou muxarabis; as janelas quadriculadas ou em xadrez ...

Exerceram os judeus preponderância em Portugal por causa da superioridade da sua cultura intelectual e científica.

Especialmente por se dedicarem ao ofício de boticários e médicos...

... estes, rivais poderosos dos padres na assistência às famílias.

Em 1589, na Corte de Filipe II de Espanha, I de Portugal...

Cristãos-novos – judeus convertidos à fé cristã.

Assim é possível atribuir à influência dos cristãos-novos o nosso pendor para o bacharelismo. O próprio anel no dedo com rubi ou esmeralda, do bacharel ou médico brasileiro, parece reminiscência oriental, de sabor israelita.

Compreende-se que os cristãos-novos, vindos da usura e do comércio, encontrassem na advocacia, na medicina e no magistério um meio ideal de aumentarem o prestígio social.

** Sefardim, sefaradim ou sefardita – nome dado aos judeus, ou a seus descendentes, que emigravam para a Península Ibérica.*

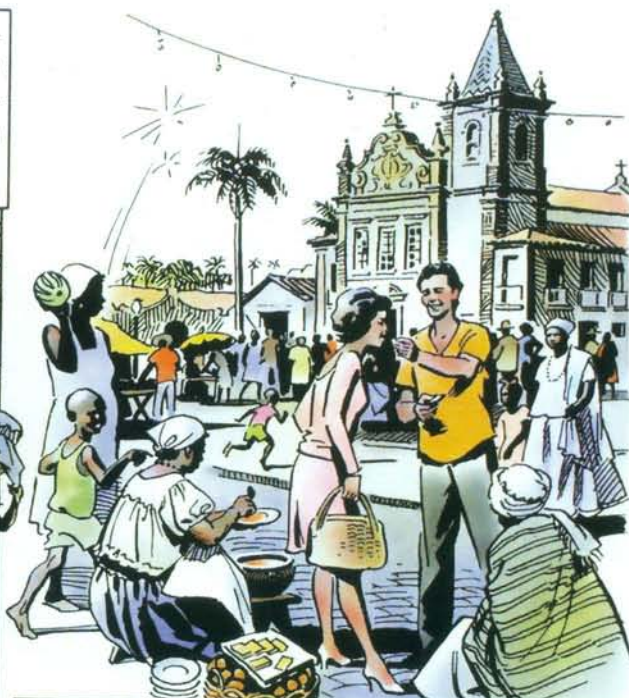
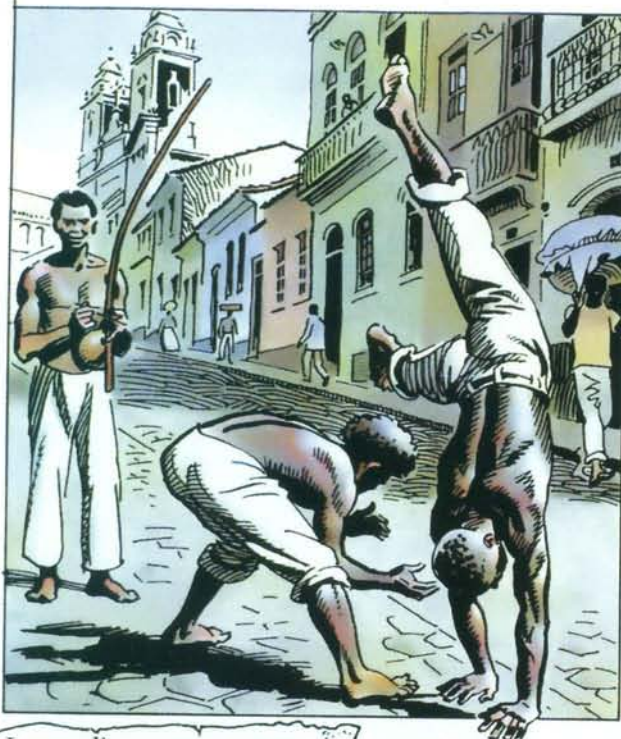
Engana-se quem supõe ter o português se corrompido na colonização da África, da Índia e do Brasil. Seria o português o corruptor e não a vítima. A escravidão, que o corrompeu, não foi colonial, mas a doméstica. A dos negros da Guiné, aos quais se sucederam os cativos mouros.

Compreende-se, assim, que os fundadores da lavoura da cana, no Brasil, mantivessem o preconceito de que "trabalho era só para negro". Já seus avós, vivendo em clima mais suave, haviam transformado o verbo "trabalhar" em "mourejar".

Nenhuma cultura, nenhuma gente, nenhum povo depois do português, exerceu maior influência na cultura brasileira do que o negro. Quase todo brasileiro traz a marca dessa influência. Da negra que o embalou e lhe deu de mamar. Da sinhama que lhe deu de comer, ela própria fazendo com os dedos o bolão de comida.

Da preta velha que lhe contou as primeiras histórias de bichos e mal-assombrados.

Os negros trazidos da África tinham, de modo geral, uma cultura mais desenvolvida que a dos indígenas. Além disso, o negro se adaptava melhor aos trópicos. Ao contrário do índio ou do caboclo, que não suportava bem o rigor do sol. Em termos modernos, o negro era extrovertido (alegre, fácil, divertido, acomodatício, confiante) e o índio um introvertido (triste, difícil, bisonho, relutante, desconfiado).

As populações de origem negra, na Bahia por exemplo, não têm aquele ar sorumbático dos populares sertanejos do Nordeste, quando de origem principalmente indígena. Na Bahia, tem-se a impressão de que todo dia é de festa.

Festa de igreja brasileira, com folha de canela, bolo, foguete e namoro. Sendo mais expansivo, o negro parece ser também mais ativo que o ameríndio. Mais ativo e colaborador, junto ao europeu no Brasil, em várias empresas civilizadoras – isto ele tem sido.

Isso explica, em parte, por que o negro foi o maior auxiliador do branco na obra colonizadora do Brasil. O Professor Roquete-Pinto encontrou, na serra dos Parecis, evidência da ação europeizante de negros quilombolas*, que ali haviam fundado um verdadeiro povoado, com criações de galinha, culturas de algodão, fabricos de panos grossos, fazendo assim, no interior do Brasil, obra colonizadora e civilizadora semelhante à dos europeus.

Entrada da bandeira de Francisco Pedro de Melo num povoado da serra dos Parecis (século XVIII).

* *Nome dado aos negros fugidos para as matas. A palavra vem de "quilombo", palavra africana que significa "acampamento".*

É verdade que nem todos os negros trazidos da África tinham o mesmo grau de cultura. Uma carta de Henrique Dias, escrita aos holandeses, já fala nos Minas, nos Ardas e nos Angolas. Barléus, que escreveu a biografia do Príncipe Maurício de Nassau, também fala da variedade dos negros. João de Laet, outro cronista do tempo de Nassau, fez igualmente referência aos negros da Guiné.
OS ANGOLAS ERAM BANTOS; COMO OS DO CONGO, ERAM BONS PARA O TRABALHO BRUTO. OS ANGOLAS "LADINOS"* PRESTAVAM-SE BEM PARA INICIAR OS "BOÇAIS" NOS SERVIÇOS DE EITO.
OS ARDAS VINHAM DO DAOMÉ. ERAM "TÃO FOGOSOS QUE TUDO QUEREM CORTAR DE UM SÓ GOLPE", COMO DELES DIZIA HENRIQUE DIAS.
OS MINAS (NAGÔ), DA COSTA DO OURO. O DAOMÉ E A COSTA DO OURO ERAM OS CENTROS DE CULTURA SUDANESA. O SUDANÊS É UM DOS POVOS MAIS ALTOS DA TERRA. NO SENEGAL, PARECE ATÉ QUE ANDAM EM PERNAS DE PAU; COM SEUS CAMISÕES, DE LONGE LEMBRAM ALMAS DO OUTRO MUNDO.
* Ladino era o nome dado aos africanos que já falavam o português e já estavam instruídos nos costumes do Brasil. Ao contrário dos boçais, isto é, os negros novos.
OS DA GUINÉ, BONITOS DE CORPO, ERAM EXCELENTES PARA OS SERVIÇOS DOMÉSTICOS, PRINCIPALMENTE AS MULHERES. OS DE CABO VERDE ERAM OS MELHORES, OS MAIS ROBUSTOS DE TODOS E OS MAIS CAROS.
OS BANTOS ERAM, DENTRE TODOS OS NEGROS, OS MAIS CARACTERÍSTICOS; MAS NÃO COMPREENDIAM, COMO SE VIU, A TOTALIDADE DOS ELEMENTOS AFRICANOS TRAZIDOS PARA O BRASIL. AO LADO DA LÍNGUA BANTO, OS NOSSOS NEGROS FALAVAM OUTRAS LÍNGUAS OU DIALETOS DO GRUPO SUDANÊS (O JEJE, O HAUÇÁ, O NAGÔ OU IORUBA).

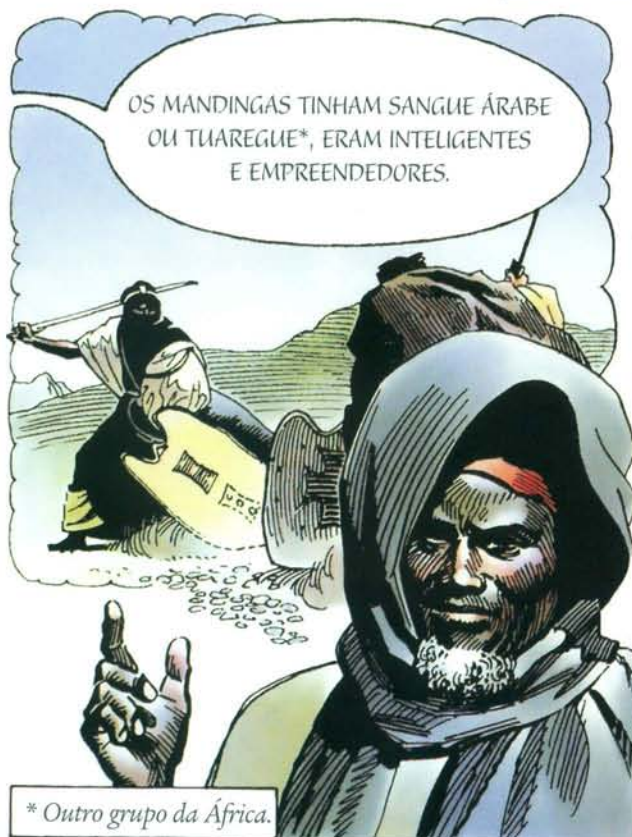
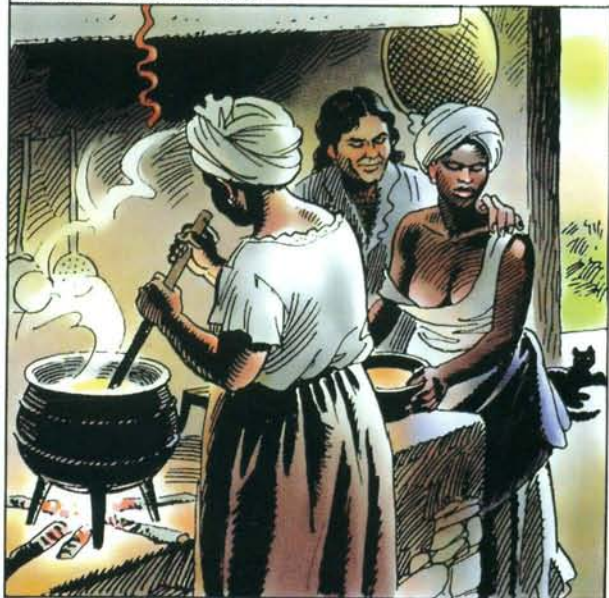
Os Fulas, por exemplo, identificados por Nina Rodrigues na Bahia, eram sudaneses e chamados os "pretos da raça branca", por causa da sua cor cóbrea-avermelhada e por causa de seus cabelos ondulados e quase lisos. Esse grupo tinha mistura de sangue hamítico ou árabe.

OS FULAS, POR ISSO, ERAM CHAMADOS DE FALSOS NEGROS OU SEMI-HAMITAS*.

OS HAUÇÁS FORAM TRAZIDOS EM GRANDE QUANTIDADE, NOTADAMENTE PARA A BAHIA. SÃO TAMBÉM MESTIÇOS DE HAMITAS E TALVEZ DE BERBERES* SUA LÍNGUA ERA MUITO FALADA NO SUDÃO.

*Os Hamitas formam um vasto grupo cultural da África.

*Grupo cultural da África.

* Outro grupo da África.

Os senhores de engenho da Bahia, de Pernambuco e de Minas Gerais, por causa da sua superioridade econômica, importavam escravos mais caros que os fazendeiros do Rio de Janeiro. As Minas e Fulas eram as mulheres preferidas para "caseiras" dos brancos. As preferidas para as atividades de mucamas e de cozinheiras.

O inglês Richard Burton, de quem já falamos, visitou uma cidade mineira de cinco mil habitantes, com duas famílias apenas de puro sangue europeu. Vê-se por aí que Minas, em certas áreas, foi tão penetrada pelo africano quanto o Nordeste pela cana-de-açúcar.

O Rio de Janeiro também o foi e pelo mesmo motivo que o Nordeste: a agricultura da cana.

Os anúncios publicados há uns cem anos no *Diário de Pernambuco*, o jornal mais antigo em circulação no Brasil, trazem algumas descrições curiosas dos negros trazidos da África.

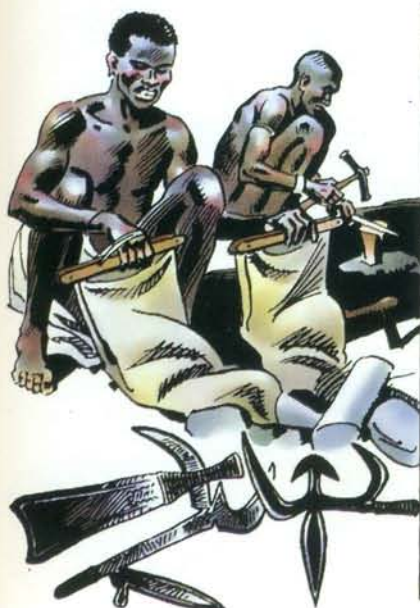
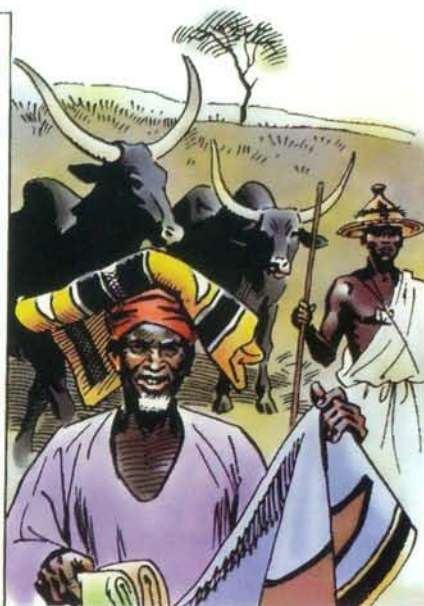
FULLO, NAÇÃO MASSAMBIQUE, COM SIGNAES NA CARA DA MESMA NAÇÃO, PÉS APALHETADOS.

CATARINA DO GENTIO BENGUELLA, ALTA, GROSSA DE CORPO, PEITOS EM PÉ, CARA LARGA, BEIÇOS GROSSOS, DENTES ABERTOS, BEM PRETA DE BONITA FIGURA.

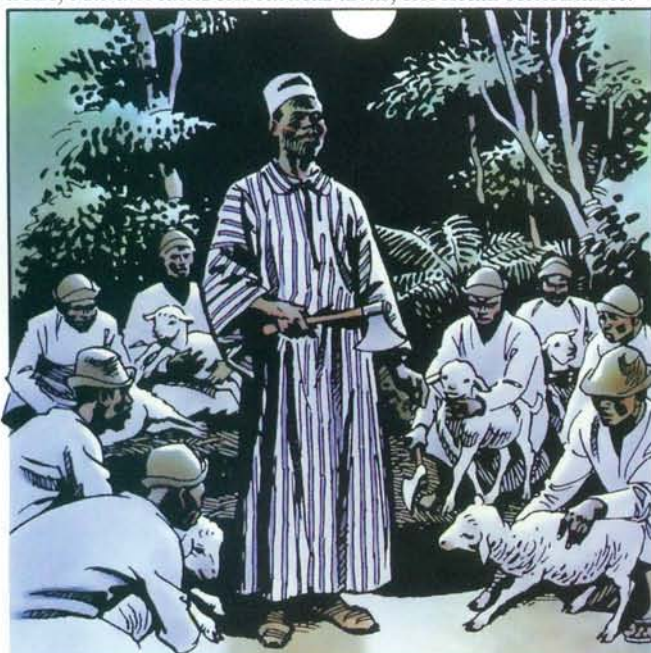
ANGOLA BASTANTE PRETO, BEM PARECIDO, POUCA BARBA, ALTO, OLHOS GRANDES.

BENEDITO, NAÇÃO GABÃO, BAIXO E SECO DE CORPO, BARBADO E TEM SUÍÇAS, BONITO DE CARA E DE CORPO.

ESCRAVA PRETA DE ANGOLA COM BOM LEITE E BASTANTE.

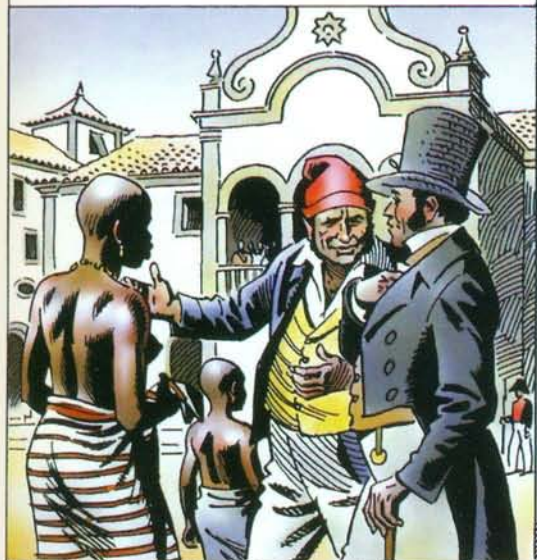
ANTONIO DE GENTIO DA COSTA, EDADE 25 ANOS, TEM 3 TALHOS NA TESTA, SIGNAL DE SUA TERRA...

Os escravos provenientes das áreas de cultura negra mais avançadas foram um elemento ativo e criador da colonização brasileira. Longe de terem sido apenas animais de tração e operários de enxada, desempenharam uma função civilizadora. Foram muito importantes na atividade agrária e mineira do Brasil. Da África vieram técnicos para as minas. E artífices em trabalhos de ferro; criadores de gado; comerciantes de panos e de sabão; mestres, sacerdotes ou tiradores de reza maometanos.

Os Fulas, os Mandingas, os Hauçás eram negros que tinham adotado a religião de Maomé, a religião dos árabes. A esses sudaneses dá Nina Rodrigues, antropólogo e sociólogo que estudou de perto os negros da Bahia, "proeminência intelectual e social", tendo sido eles responsáveis por muitas revoltas na senzala. Eram os aristocratas das senzalas.

FORÇOSAMENTE O CATOLICISMO, EM CERTAS ÁREAS DO BRASIL, IMPREGNOU-SE DA CULTURA MAOMETANA. ENCONTRAMOS TRAÇOS DESSA CULTURA NOS PAPÉIS COM ORAÇÕES PARA LIVRAR O CORPO DA MORTE E A CASA DOS MALFEITORES. PAPÉIS QUE, AINDA HOJE, SE COSTUMA ATAR AO PESCOÇO DAS PESSOAS OU GRUDAR ÀS PORTAS DAS CASAS.

Melo Morais Filho descreve uma festa dos mortos, realizada em Penedo, cidade alagoana, sem dúvida de origem muçulmana, com longos jejuns e abstinência de bebidas alcoólicas. Festas com sacrifício de carneiro e relacionadas às fases da Lua, na qual os participantes usavam longas túnicas brancas. Os adeptos da seita "Adoradores dos Astros e da Água", que existia outrora no Recife, usavam também túnicas alvas, em ritual semelhante.

Nas seitas africanas de Pernambuco, muitas vezes os devotos tiram as botinas ou as chinelas antes de participarem das cerimônias. E as mulheres dançam com uma faixa de pano amarelo em volta do pescoço, exatamente como sucede nos jejuns maometanos da Bahia.

Da África vinham, com os negros, os tecebas (ou rosários) e o heré (chocalho de cobre dos xangôs). Os Nagôs traziam da África objetos de culto religioso ou de uso pessoal.

Na Bahia, no Rio, no Recife, o traje africano de influência maometana permaneceu longo tempo entre os pretos. Principalmente entre as pretas doceiras e vendedoras de aluá.

Diz-se geralmente que o negro corrompeu a vida da sociedade brasileira. Essa corrupção, entretanto, não foi feita pelo negro, mas pelo escravo.

Mesmo muitas das doenças, que se supõem de origem africana, teriam sido antes transmitidas aos negros pelos brancos. Até várias práticas de feitiçaria, atribuídas ao africano, vieram antes de Portugal.

Mas os negros, realmente, trouxeram para o Brasil algumas "ervas milagrosas" e algumas práticas de feitiçaria. A macumba da Bahia, por exemplo, que em Alagoas e em Pernambuco tem o nome de maconha. No Rio, pungo e também diamba ou liamba.

Também é exato que muitas crenças e práticas mágicas foram adaptadas ao gosto e aos pendores dos negros. E nenhuma tão característica como as bruxarias em que o sapo entra como elemento principal.
Ou foram modificadas e enriquecidas pela escrava africana. Pela ama do menino. Pela negra velha. Mais outro exemplo de superstição afro-brasileira: colocar ao pescoço da criança um vintém para curar as aftas ou sapinhos.
ESCUTA, ESCUTA, MENINO.
DURMA, DURMA, MEU FILHINHO.
A boca da ama negra também modificou as canções de berço portuguesas, adaptando-as às condições regionais e ligando-as às crenças dos índios e às suas. A velha loa "escuta..." abrandou-se em "durma...".
Nessa velha canção passou Belém de "fonte" portuguesa para "riacho" brasileiro. Riacho de engenho. Riacho com mãe-d'água dentro, em vez de moura encantada. Riacho onde se lavava o timãozinho do nenê.
OLHA O NEGRO VELHO EM CIMA DO TELHADO ELE ESTÁ DIZENDO QUER O MENINO ASSADO.
E o papão foi substituído pela Cabra-cabriola, pelo Boitatá, pelo Papa-figo. Todos eles rondando os copiares das casas-grandes para pegar os meninos malcriados e travessos. Os meninos que se lambuzavam com a geléia de araçá guardada na despensa.

O menino brasileiro dos tempos coloniais via-se rodeado de terríveis assombrações.
NAS PRAIAS, O HOMEM-MARINHO — TERRÍVEL DEVORADOR DE DEDOS, NARIZ E PIROCA DE GENTE...
NO MATO O SACI-PERERÊ...
O CAIPORA...
O BOITATÁ...
Por toda a parte, a Cabra-cabriola e a Mula-sem-cabeça; na beira dos rios, o Sapo-cururu.

De noite, as almas penadas nunca faltavam. Vinham melar de "mingau", o mingau das almas, o rosto dos meninos. Por isso, nenhum menino devia deixar de lavar o rosto ao levantar-se da cama.
O Quibungo – outra assombração muito temida no passado pelo menino brasileiro – veio inteirinho da África.
E havia o "negro do surrão": Era uma vez uma menina que foi tomar banho no rio. Ao voltar para casa...
VALHA-ME NOSSA SENHORA! ONDE ESTÃO MEUS BRINQUINHOS? MINHA MADRASTA ME MATA POR CAUSA DESTES BRINCOS!
Voltando à beira do rio, encontrou um negro velho...
O negro pegou a menina e meteu-a em um surrão. Por onde andava, o velho punha o surrão em terra e dizia...
CANTA, CANTA MEU SURRÃO, SENÃO TE DOU COM MEU BORDÃO.
E o surrão cantava numa vozinha doce...
NESTE SURRÃO ME METERAM, NESTE SURRÃO HEI DE MORRER, POR CAUSA DE UNS BRINCOS DE OURO QUE NO RIACHO EU DEIXEI.

Os africanos tinham bons contistas. No Nordeste, havia, outrora, negras que andavam de engenho em engenho, contando histórias de Trancoso.

José Lins do Rego conheceu, quando pequeno, algumas delas, que visitavam periodicamente os bangüês* da Paraíba. Sílvio Romero, na sua infância, também aprendeu, em um engenho de Sergipe, muita coisa sobre o Brasil com negros velhos.

* *Tipo antigo de engenho de açúcar.*

A linguagem infantil amaciou-se ao contato da criança com a ama negra. O "dói" dos grandes tornou-se "dodói" dos meninos. Palavra mais dengosa. A ama negra fez com as palavras o mesmo que com o pirão - machucou-as, tirou-lhes as espinhas. Daí a fala doce das crianças do Norte.

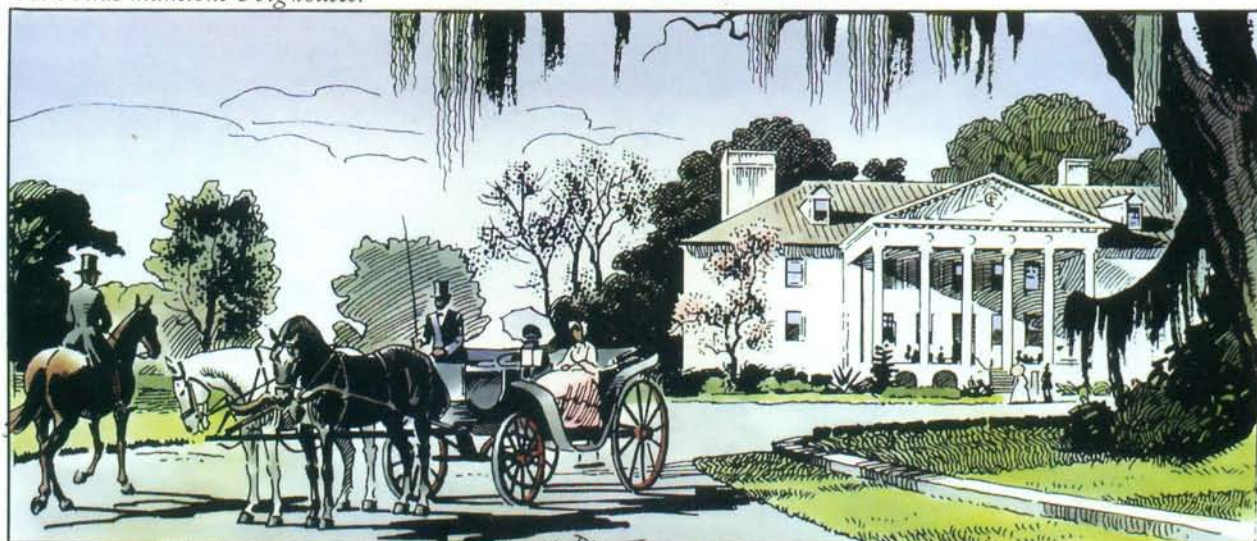
A língua falada foi dividida, por algum tempo, em duas - a das casas-grandes e a das senzalas. O brasileiro - pelo menos no Norte - não sente estranheza em usar palavras como...

O "me faça", "me diga", em lugar de "faça-me", "diga-me". Modo bom, doce, de pedido.

Além da mucama, da cozinheira, da velha contadora de histórias, havia ainda a ama-de-leite para ensinar às crianças as primeiras palavras da gíria, os primeiros nomes portugueses errados, as primeiras expressões populares.

Logo que a criança brasileira começava a andar, os pais davam-lhe por companheiro um molequinho. Isso sobretudo nas casas-grandes. O molequinho era um camarada de brinquedos, mas também o leva-pancadas do ioiô.

Os estrangeiros que visitaram o Brasil do século XIX notaram que as sinhás-moças e as donas-de-casa falavam em voz muito alta. Falavam gritando. E atribuíam esse fato ao hábito, entre elas, de tratar com escravos. Ainda hoje assim sucede com moças do Mississippi e do Alabama, no sul dos Estados Unidos, cujas avós também foram grandes proprietárias de escravos.

Há muitos pontos de semelhança entre o Brasil das casas-grandes e senzalas e o Sul dos Estados Unidos com suas *mansions* e *big houses*.

Os casamentos entre parentes - tios com sobrinhas, primos com primas - eram muito comuns na sociedade brasileira dos tempos coloniais.

Maria Graham, que esteve no Recife nos começos do século XIX, comparou esse apego entre pessoas do mesmo sangue ao espírito de clã* dos escoceses.

** Na Escócia, o termo significa uma grande tribo ou família, cujos avós eram comuns.*

Não obstante, tais casamentos entre parentes nem sempre impediam verdadeiras guerras de família, por questões, sobretudo, de terras ou heranças. Uma mulher, um escravo, um boi, uma eleição para deputado - eram outros motivos de rivalidade.

A mulher era idealizada pelo homem: fazia-lhe poesias, cantava modinhas para ela, comparava-a com os próprios anjos.

As modinhas cantadas nos engenhos do Brasil causavam furor nos salões portugueses do século XVIII, alternando com as novenas e as festas de igreja. Algumas celebravam os requintes da mulata das senzalas; outras exaltavam as sinhazinhas, que eram chamadas de "anjos louros" ou de "pálidas madonas".

Histórias de casamento, de namoro e outras eram as mucamas que contavam às sinhazinhas, catando-lhes os piolhos ou dando-lhes cafuné. Era ainda com elas que as meninas aprendiam a cantar - essas modinhas coloniais, tão impregnadas do erotismo das casas-grandes e das senzalas.

MEU BRANQUINHO FEITICEIRO, DOCE IOIÔ, MEU IRMÃO, ADORO TEU CATIVEIRO, BRANQUINHO DO CORAÇÃO.

Em nenhuma das modinhas antigas se sente melhor o visgo de promiscuidade nas relações de sinhôs-moços das casas-grandes com mulatinhas das senzalas.

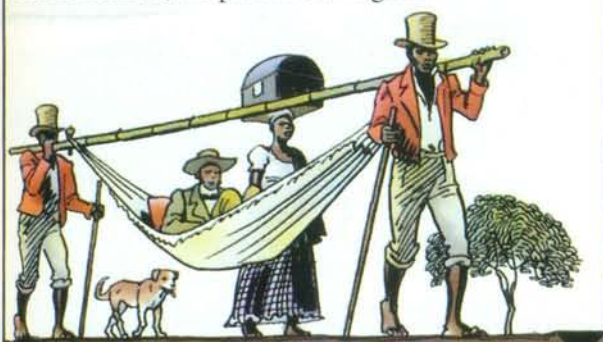
Relações com alguma coisa de incestuoso no erotismo às vezes doentio. É mesmo possível que, em alguns casos, se amassem o filho branco e a filha mulata do mesmo pai.

Noutros vícios escorregava a meninice dos ioiôs. As primeiras vítimas eram os moleques e animais domésticos; mais tarde é que vinha o grande atoleiro de carne: a negra ou a mulata.

Nele é que se perdeu, como em areia gulosa, muita adolescência insaciável. Fala-nos um cronista anônimo, em 1817, da "grande lubricidade" dos negros de engenho; mas adverte-nos que estimulada pelos "senhores ávidos de aumentar seus rebanhos". Na realidade, nem o branco nem o negro agiam por si, muito menos como raça, ou sob a ação do clima, nas relações de sexo e de classe. Exprimiu-se nessas relações o espírito do sistema econômico que nos dividiu, como um deus poderoso, em senhores e escravos.

Os pais dominados pelo interesse econômico de senhores de escravos viram sempre com olhos indulgentes e até simpáticos a antecipação dos filhos nas funções genéticas: facilitavam-lhes mesmo a precocidade de garanhões.

Ociosa, mas alongada de preocupações sexuais, a vida do senhor de engenho tornou-se uma vida de rede. Rede parada para dormir e cochilar.

Rede andando, em passeio ou viagem.

Rede rangendo, com o senhor copulando dentro dela.

Muitos frades e eclesiásticos levaram também a mesma vida debochada dos senhores de engenho.

Desse intercurso sexual de brancos com as escravas resultou grande multidão de filhos ilegítimos – muitas vezes criados com a prole legítima dentro do liberal patriarcalismo das casas-grandes; outros à sombra de engenhos de frades; ou então nas "rodas" e orfanatos.

São numerosos os casos de brasileiros notáveis, filhos ou netos de padres. E notáveis não só pelo talento ou a cultura, como pela excelente conduta moral. Políticos, escritores, diplomatas. No Brasil, muita cria e mulatinho aprendeu a ler e a escrever mais depressa que os meninos brancos, distanciando-se deles e habilitando-se aos estudos superiores.

Tobias Barreto Barão de Cotegipe Machado de Assis Nilo Peçanha

Entretanto, não se pode pôr de lado o aspecto negativo dessas uniões: os preconceitos inevitáveis contra esses mestiços. Preconceitos contra a cor, da parte de uns; contra a origem escrava, da parte de outros. A prostituição de negras e mulatas exploradas pelos brancos. "Negras de ganho", meninas de dez, doze anos, que se ofereciam a marinheiros louros, recebendo deles a sífilis e outras doenças do mundo.

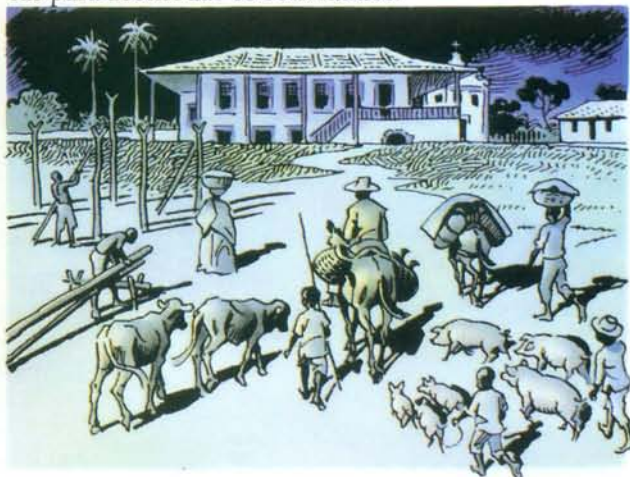
As sinhazinhas - os "anjos louros" ou as "pálidas madonas" - eram, de fato, umas madonas, isto é, umas Nossas Senhoras, principalmente quando saíam à rua, cobertas de brincos e tetéias, em palanquins ou cadeirinhas, carregadas por negros de librés. Algumas vezes, duas ou três mucamas abriam caminho, levando outros brincos ou tetéias da moça.
Outras vezes, era um pajem que precedia o veículo.

VESTIDO DE CASSA; BOLSA ESMOLEIRA DE TAFETÁ; VÉU DE FILÓ; CAPELA DE FLOR DE LARANJEIRA; LUVAS DE PELICA; SAPATINHO DE CETIM. E MAIS O TERÇO DE OURO E O LIVRINHO DE MISSA ENCADERNADO EM MADREPÉROLA.

Desde a sua primeira comunhão as meninas deixavam de ser crianças. Tornavam-se sinhás-moças. Dia maior que o da primeira comunhão só o do casamento.

No Brasil, em geral, as mulheres casavam cedo. Aos doze, aos treze, aos quatorze. Aos vinte já estava a moça solteirona. Certa vez, um colono foi queixar-se ao Padre Anchieta, um grande casamenteiro...

Assim, ainda quase criança, as mulheres brasileiras do tempo da escravidão já eram umas senhoras. À missa punham vestido preto; o rosto, coberto pelo xale, só deixavam de fora os grandes olhos tristes.

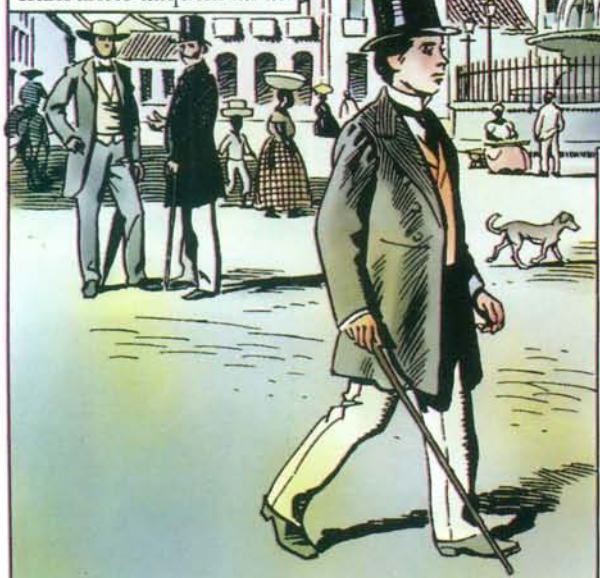
Os casamentos dessa época, nas casas dos ricos, eram mais espalhafatosas. Festa de durar uma semana. Matavam-se porcos, perus e bois. Armavam-se barracas para acomodar os convidados.

Alguns negros eram alforriados, em sinal de regozijo; outros dados à noiva de presente ou dote. Danças européias na casa-grande; samba africano no terreiro. Havia, em regra, confraternização entre os senhores e os escravos.

Os escravos não só eram batizados como se permitia que conservassem certos costumes de origem negra. A instituição dos "reis do Congo", por exemplo. Os reis do Congo faziam as suas danças africanas, ao mesmo tempo que rezavam a São Benedito ou a Nossa Senhora do Rosário, ambos pretos como eles.

Escravos africanos exerceram a arte de sangrar no Brasil colonial e no tempo do Império. Escravos que também eram barbeiros e dentistas.

Alguns escravos tinham o "vício" de comer terra. Para combater esse mal, usavam-se máscaras de flandres.

Ou, então, era o paciente suspenso do solo e preso a um panacum de cipó. O isolamento durava vários dias, durante os quais o negro ficava sujeito a um regime especial de alimentação.

Os meninos brancos das casas-grandes maltratavam muito com os seus moleques. Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, conta...
NÃO ME DÁS UMA COLHER DE DOCE DE COCO? QUEBRO-TE A CABEÇA!
Mas, em geral, os molequinhos mais inteligentes eram criados com mimo nas casas-grandes. E, às vezes, postos a aprender a ler e a escrever com os meninos brancos, aos quais não raro se avantajaram no estudo.
O escritor Machado de Assis foi um bom observador da sociedade brasileira do tempo da escravidão.
Quase todos os estrangeiros que visitaram o Brasil desde o século XIX observaram que os meninos de "boa família" aos dez anos eram como uns homenzinhos: cabelo bem penteado, colarinho duro, calça comprida, roupa preta, andar grave, gestos sisudos. Um ar de quem acompanha enterro. Meninos-diabos só os eram antes daquela idade.
Foi quase um Brasil sem meninos, o daquela época. Aos sete anos, a criança de família distinta sabia de cor os nomes das capitais da Europa; somava, diminuía, multiplicava, dividia; declinava em Latim e recitava em Francês.
IL ÉTAIT UN PETIT HOMME QUI S'APPELAIT...
Tirado o retrato da primeira comunhão – sobrecasaca e borzeguins pretos –, estava a criança rapaz.

Antes da construção das estradas de ferro, as crianças dos engenhos e das fazendas estudavam em casa. As casas-grandes tinham até cafuas para prender os meninos vadios. O mestre era quase sempre padre; às vezes o capelão do engenho.

Mesmo nos colégios ou internatos instalados posteriormente, nas capitais, era regra que os alunos comparecessem às aulas de paletó preto. Aos domingos e dias de festa, a sobrecasaca preta tornava-se obrigatória. Só uma vez por semana se tomava banho.

Imagine-se a saudade que os meninos tinham das fazendas ou engenhos, onde passavam uma vida toda de vadiação - banho de rio, arapuca de apanhar passarinho, briga de galo.

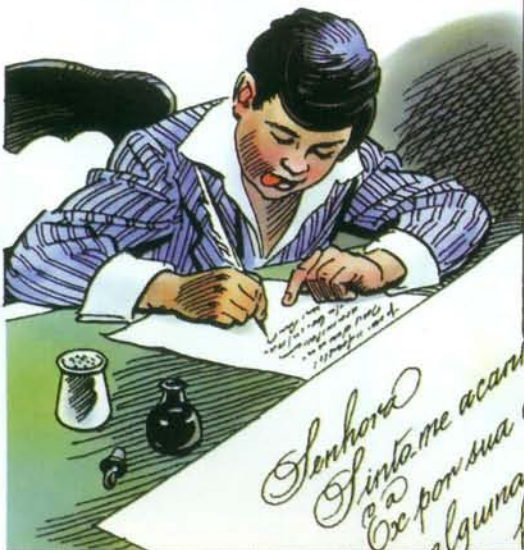
Os meninos pretos e pardos, no Brasil, não foram apenas companheiros dos meninos brancos nas aulas das casas-grandes ou mesmo nas dos colégios; houve crianças que aprenderam a ler com professores negros. Alguns deles usavam cartolas e casacas.

E felizes os meninos que se educavam com professores negros, certamente mais compreensivos e mais tolerantes que os brancos. Mais brandos que os mestres-régios, ranzinzas terríveis, velhos caturras sempre fungando rapé e de palmatória ou vara de marmelo na mão.

No tempo dos colonos e mesmo durante o Império, não só os meninos das famílias distintas como as mulheres e homens trajavam, quando saíam de casa, roupas impróprias para o clima - casemiras, veludos, damascos.

Somente dentro de casa, na hora de dormir, é que meninos, homens e mulheres desforravam dos excessos de vestuário europeu. A adaptação ao clima, no sexo masculino, se fez de baixo para cima: começou pelas calças brancas.

O aluno que não soubesse a lição de Português, que desse uma silabada em Latim, que borrasse uma página do caderno de caligrafia, arriscava-se a tremendos castigos. Bordoadas nos dedos, beliscões pelo corpo, puxões de orelha.

Fazia-se, nesse tempo, questão de letra bonita, escrita com penas de ganso.

Que o menino maltratasse os moleques e as negrinhas, estava direito; mas na sociedade dos mais velhos o maltratado era ele. O menino que, nos dias de festa, devia andar bem duro, para não amassar o terno preto. E falar ao pai e à mãe dizendo "senhor pai" e "senhora mãe".

Só depois de casado, arriscava-se o filho a fumar na presença do pai. Fazer a primeira barba era cerimônia que precisava de licença especial.

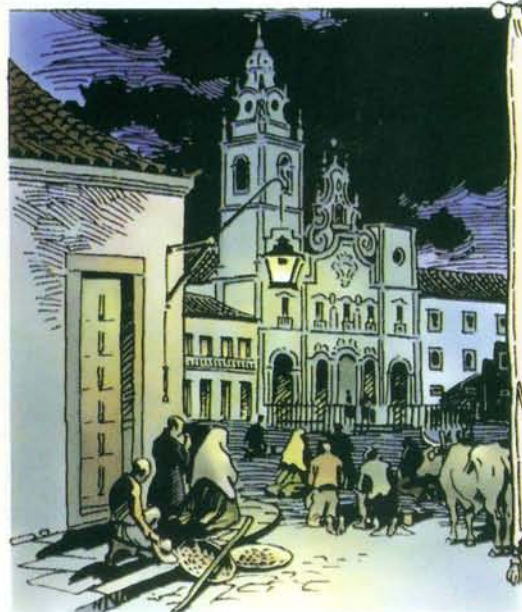
À menina negou-se tudo que de leve parecesse independência. Até levantar a voz na presença dos mais velhos. Eram apreciadas as moças de ar humilde. O ar humilde que as filhas de Maria ainda hoje conservam nas procissões.

O regime de escravidão concorreu bastante para a vida do ócio da maioria dos senhores de engenho, alguns dos quais passavam o dia inteiro na rede ou jogando gamão com os compadres e parentes.

Só uma vez ou outra, abandonavam tais senhores de engenho essa vida lânguida e indolente. Quando, por exemplo, havia festas, dança, cavalhadas e argolinhas.

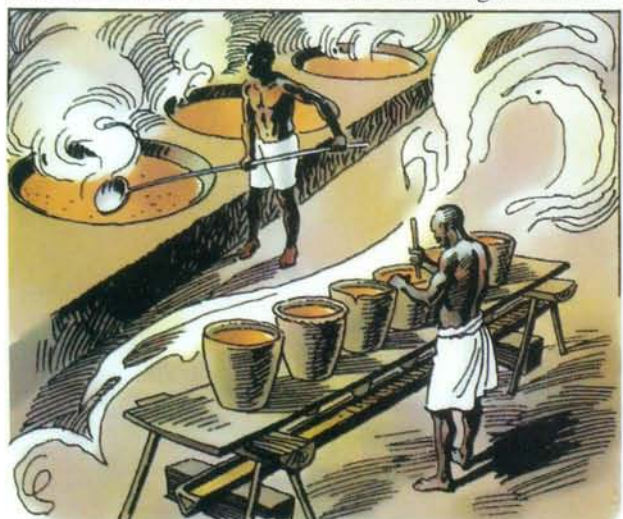
Ou quando era preciso rezar nos oratórios.

Nos séculos XVII e XVIII, não houve senhor branco que se furtasse ao esforço de rezar, ajoelhado, diante dos nichos; às vezes rezas sem fim tiradas por negras e mulatas.

No século XIX, os moradores do Recife ainda presenciaram ladainhas cantadas, ao anoitecer, em plena rua: brancos, pretos, mestiços, todos rezando.

Os homens mais devotos acompanhavam o Santíssimo à casa dos morinbundos.

Ao jantar, quase sempre o senhor de engenho benzia a mesa; outros benziam a água ou o vinho, fazendo antes, no ar, uma cruz com o copo. No fim da refeição, davam-se graças em Latim.

Os escravos faziam tudo. Eram as mãos e os pés do senhor de engenho, como dizia Antonil. Plantavam e cortavam a cana-de-açúcar...

... limpavam o sumo das caldeiras; purgavam o açúcar nos fornos de barro e destilavam a aguardente.

No primeiro dia da moagem – a botada –, nunca faltava padre para benzer o engenho e os moleques para dar vivas e soltar foguetes.

Antigamente, os enterros se faziam, de preferência, à noite. Os ricos e poderosos, com muito luxo – o defunto de farda e coberto de jóias ou condecorações. Se era o morto uma criança, punham-lhe asas de anjinho e pintava-se-lhe o rosto de ruge.

Os escravos eram simplesmente enrolados em esteiras e enterrados em cemitérios próprios, perto da capela do engenho, com uma cruz de pau preto assinalando o túmulo.

Os negros dos serviços domésticos, todavia, gozavam de bom tratamento, existindo mesmo hierarquia e divisão de trabalho dentro das fazendas e engenhos.

Alguns engenhos tomaram nomes de origem africana – Zumbi, Cafundó, Cabinda, Fubá.

No regime alimentar brasileiro, a contribuição africana afirmou-se principalmente pela introdução do azeite-de-dendê e da pimenta-malagueta, tão comuns na cozinha baiana. O quiabo é também de origem negra.

E várias comidas indígenas ou portuguesas foram modificadas pela técnica africana - a farofa e o vatapá, por exemplo. Dos três centros de alimentação afro-brasileira - Bahia, Pernambuco, Maranhão -, o primeiro era o mais importante.

Vendiam-se nas ruas de Salvador - a mais afro-brasileira das cidades grandes -, caruru, mocotó, vatapá, pamonha, canjica, acaçá, abará, arroz-de-coco, angu, pão-de-ló-de-arroz e de milho, etc. As negras doceiras, de tabuleiro, ofereciam seus doces enfeitados em papel azul ou vermelho. E recortados em forma de corações, cavalinhos, pássaros, peixes.

Os tabuleiros, forrados de toalhas brancas, geralmente repousavam em armações de pau, num pátio de igreja ou ao lado de um sobradão. Viam-se, ainda, as negras de fogareiro, preparando o peixe frito, o mugunzá, o milho assado, a pipoca, o grude, o manuê. De noite, os tabuleiros eram iluminados com rolos de cera ou candeeiros de flandres.

Não foi o negro quem introduziu no Brasil o piolho e o percevejo. É mesmo de presumir que os escravos africanos, de cultura maometana, sentissem repugnância por hábitos menos asseados dos brancos.

Muitos negros, quando libertos, deram para profissões cujo exercício impunha hábitos higiênicos.

Foi o negro que animou de maior alegria a vida doméstica do brasileiro, marcada pela melancolia do português e pela tristeza do índio. Foi o africano quem deu vivacidade aos são-joões de engenho; quem animou os bumbas-meu-boi, os cavalos-marinhos, os carnavais e as festas de Reis. Os negros trabalhavam quase sempre cantando. Nos engenhos, tanto nas plantações como nos tanques de lavar roupa. Cantando, mesmo quando enxugavam o prato, faziam doce e pilavam café.

E, nas cidades, carregando sacos de café ou pianos. Em alguns engenhos, era costume receber visitas com negros cantando...

É O PIANO DE IOIÔ,
É O PIANO DE IAIÁ!

COLÉ MARNÔ, OCUNMANJÔ
MARNÔ, OCÓLANGÉ
OGUM HÔ!!?!
É CUN DÔ DÔ.
É CUN GÉ GÉ.

MARIA,
RABULA AUÊ
CALUNGA AUÊ.

CHORA, MENINO, CHORA.
CHORA PORQUE NÃO TEM
VINTÉM.

É exato que, não raras vezes, o banzo, isto é, a saudade da África, vinha entristecer esse quadro alegre. Houve negros que, de tanta saudade, definhavam até morrer. E outros que se matavam, comendo terra ou praticando outros atos nocivos. Mas, em regra geral, ao tempo do Império e do Brasil-Colônia, os cantos dos negros encheram de alegria a vida de nossos antepassados – a vida das casas-grandes e das senzalas, cenário de tantos acontecimentos importantes para a História, a partir do século XVI, da sociedade brasileira.

Dados Biográficos de Gilberto Freyre

Gilberto de Mello Freyre nasceu no Recife, em 15 de março de 1900, filho do Professor Alfredo Freyre, catedrático de Economia Política da Faculdade de Direito do Recife, e de Francisca de Mello Freyre, pertencente a uma família de senhores de engenho pernambucanos. Realizou seus primeiros estudos com professores particulares: o inglês Mr. Williams, a francesa Meunier e o próprio pai, com quem se iniciou no Latim e no Português. Completados os estudos secundários no Colégio Americano Gilreath, do Recife, aos dezessete anos, seguiu para os Estados Unidos, onde, na Universidade de Baylor (Texas) bacharelou-se em Artes Liberais. Foi, então, para a Universidade de Columbia (Nova York), na qual realizou estudos pós-graduados de Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais, obtendo o grau de Mestre (M.A.) com a dissertação *Social Life in Brazil in the Middle of the Nineteenth Century*. Esse trabalho, após exaustivas pesquisas em arquivos nacionais e estrangeiros, foi posteriormente desenvolvido e resultou no livro *Casa-Grande & Senzala* que, publicado em 1933, revolucionou os estudos sociais no Brasil, tanto pela novidade dos conceitos e métodos utilizados quanto pela qualidade literária. Foi quadrinizado e publicado pela primeira vez, em 1981, pela Editora Brasil-América (EBAL), por iniciativa de Adolfo Aizen.

Percorreu a Europa em viagem de estudos, demorando-se em vários centros de cultura universitária, inclusive Oxford. Foi fundador de várias cátedras de Sociologia, como na Escola Normal do Recife, em 1928, na Faculdade de Direito do Recife, em 1935, e na Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, onde também ensinou Antropologia Social e Cultural e Pesquisa Social. Fez parte do "Conclave dos Oito", que reuniu em Paris, em 1948, oito especialistas mundiais em diversas áreas, sob o patrocínio da UNESCO. Foi um dos constituintes de 1946. Eleito deputado federal por Pernambuco, entre outras atividades empreendidas, apresentou à Câmera Federal projeto de Lei que resultou, em 1949, na criação do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, órgão pioneiro, no Brasil, no estudo sistemático e interdisciplinar da realidade social brasileira, notadamente das regiões Norte e Nordeste, que, a partir de 1980, veio a se transformar na atual Fundação Joaquim Nabuco.

Embora preferindo a atividade de escritor à atividade acadêmica, tendo recusado cátedras em Universidades do país e do exterior, aceitou, eventualmente, ensinar, na condição de professor extraordinário, nas Universidades de Stanford, Michigan, Indiana e Virgínia, além de dirigir seminário, para pós-graduados, sobre sociologia e história da escravidão, em 1938, na Universidade de Columbia.

Organizou, em 1926, o Primeiro Congresso Regionalista de que se tem notícia nas Américas, e, em 1934, o Primeiro Congresso Afro-Brasileiro, ambos realizados no Recife.

Casou, em novembro de 1941, no Rio de Janeiro, com Maria Magdalena Guedes Pereira, de tradicional família paraibana, vindo, em seguida, fixar residência em Apipucos, no Recife, em antiga casa de engenho do final do século XVIII, reformada em 1881, mantendo estilo colonial, situada em amplo espaço verde, resquícios de Mata Atlântica, nominado por Gilberto Freyre como sítio ecológico. Gostava de servir às visitas o conhaque de pitanga que ele mesmo preparava. Teve dois filhos: Sonia Maria e Fernando Alfredo.

Ainda em vida, legou ao Brasil, com o apoio de sua família, os seus bens pessoais da Vivenda Santo Antônio de Apipucos, no Recife, constituindo a Fundação Gilberto Freyre, instituição de natureza privada sem fins lucrativos, reconhecida de utilidade pública, sediada no Recife – na casa de Apipucos onde residiu o grande soció-

logo pernambucano, – tendo como um dos seus objetivos principais manter reunido, preservado e à disposição do público o acervo pessoal e intelectual de Gilberto Freyre, além de estimular a continuidade dos estudos da realidade nordestina e brasileira e do Homem situado nos trópicos.

Além de escritor, sociólogo, antropólogo, foi pintor, poeta e ficcionista, realizando exposições no Recife, Rio de Janeiro e São Paulo, e tendo publicado livros de poemas, *Talvez Poesia* e *Poesia Reunida*, além de dois romances ou, como preferia denominar, seminovelas: *Dona Sinhá e o Filho Padre* e *O Outro Amor do Dr. Paulo*.

Embora sua obra seja numerosíssima, podemos citar entre opúsculos e livros de autoria de Gilberto Freyre: *Casa-Grande & Senzala* (1933), *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife* (1934), *Sobrados e Mucambos* (1936), *Nordeste* (1937), *Mucambos do Nordeste* (1937), *Açúcar* (1939), *Olinda – 2º Guia Prático, Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira* (1939), *Ingleses* (1942), *Problemas Brasileiros de Antropologia* (1943), *Perfil de Euclides e Outros Perfis* (1944), *Sociologia* (1945), *Ingleses no Brasil* (1948), *Assombrações do Recife Velho* (1955), *A Propósito de Frades* (1959), *Talvez Poesia* (1962), *Dona Sinhá e o Filho Padre* (1964), *Seleta para Jovens* (1971), *Além do Apenas Moderno* (1973), *Tempo Morto e Outros Tempos* (1975), *Pessoas, Coisas e Animais* (1980), *Apipucos: Que Há Num Nome?* (1983), *Modos de Homem & Modas de Mulher* (1987), *Ferro e Civilização no Brasil* (1988).

Casa-Grande & Senzala foi publicado em diversos países tendo edições na Argentina, Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália, Venezuela, Polônia, Hungria e Portugal. Foi adaptado para o teatro por José Cavalcanti Borges e homenageado pelo compositor Capiba (Lourenço da Fonseca Barbosa) no 4º movimento da Suíte Nordestina, que leva o seu nome. No Carnaval de 1962, a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, do Rio de Janeiro, se inspirou nele para o seu enredo.

A sua obra recebeu o reconhecimento de várias Universidades, que lhe outorgaram o título de Doutor *Honoris Causa*, entre elas as de Columbia, Nova York, EUA (1954), Coimbra, Portugal (1962), Sorbonne, França (1965), Münster, Alemanha (1965), Sussex, Inglaterra (1965).

Em 1957, foi distinguido com o Prêmio Anisfield-Wolf, para o melhor trabalho mundial sobre relações raciais, conferido à 2ª edição inglesa de *Casa-Grande & Senzala*. Foi, ainda, agraciado com o Prêmio Aspen, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos, dos Estados Unidos (1967), o Prêmio Internacional de Literatura La Madonnina, na Itália (1969), e a Medalha de Ouro José Vasconcelos, outorgada pela Frente de Afirmación Hispanista do México (1974).

Recebeu, em 1971, o título de "*Sir*, Cavaleiro Comandante do Império Britânico-KBE", concedido por Sua Majestade, a Rainha Elizabeth II, da Grã-Bretanha.

Criador de um estilo literário em língua portuguesa, talvez o mais notável, segundo alguns, desde Eça de Queiroz, considerava-se, principalmente, um escritor com treino sistematicamente sociológico e antropológico. Conhecido pelos seus conceitos de "tempo tríbio", "morenidade" e "metarraça", é considerado, por alguns, o fundador de uma ciência: Tropicologia.

Gilberto Freyre faleceu no Recife, aos 87 anos, no dia 18 de julho de 1987.

Escreve o Ilustrador Ivan Wasth Rodrigues

(Transcrito da 1ª edição de *Casa-Grande & Senzala em Quadrinhos*)

Aceitar a quadrinização da obra *Casa-Grande & Senzala* foi um ato de ousadia e prova de humildade. Como encomenda de trabalho, veio demostrar, na prática, a responsabilidade que estávamos acolhendo: o tempo calculado transbordou, desdobrando-se.

Não nos dedicamos, como desenhista, com a ênfase necessária, à atividade produtora de quadrinhos – é limitado, ainda, no Brasil, o mercado de trabalho para este gênero artístico – pelo que, pequena é a nossa experiência neste ramo. A linguagem específica que requer, em termos de ilustração, colocou-nos à prova.

Por outro lado, a constatação da importância da obra impôs, como um desafio, o ilustrá-la. Recusar ou aceitar foi o nosso dilema. Aceitamos os riscos, motivados pelo texto original e pelo excelente roteiro-adaptação do Professor Estêvão Pinto.

Contudo, nada nos eximiria da tarefa que nos restou, ainda assim, muito grande para os nossos recursos.

A mensagem de *Casa-Grande & Senzala*, tão atual em seu conteúdo humaníssimo, sobrepujou, para nós, o imenso cabedal científico em que se apóia, dando-nos uma medida menos pretensiosa, qual seja a de procurar interessar os mais jovens no conhecimento desta obra básica da cultura brasileira. Ao fazermos o planejamento gráfico e o seu desdobramento, em 52 páginas, tivemos de resolver alguns problemas: número de quadrinhos por página, destaque de alguns assuntos, interpretação de textos. Tudo isto significou diversas releituras do autor, do adaptador e, algumas vezes, das obras citadas ou de parte delas. Pesquisa de material iconográfico, direta ou indiretamente ligado aos assuntos, tais como: etnografia, indumentária, arquitetura e outros. Nem sempre, porém, foi possível seguir o texto e, por isso, criamos sobre ele, procurando captar-lhe o espírito em outra linguagem, qual a da ilustração. Algumas vezes nos valemos de material fotográfico de obras e de artigos especializados, principalmente na visualização de traços culturais indígenas e africanos. Neste caso, com uma ou outra exceção, utilizamos as fotos como ponto de referência, compondo cenas e reinterpretando o documento consultado. Quando se tratou de uma transposição na qual a contribuição documental sobrelevava a inventiva do ilustrador, há menção expressa ao nome do autor da foto. Quando isto não ocorre, tal se deve à dificuldade em identificar o responsável.

Achamos cabível esta prática, pelo cunho didático-científico da narrativa e por não se tratar de seqüências puramente criativas do desenhista. Também achamos importante, pelo lapso de tempo decorrido no trabalho do adaptador, já falecido, recuperar alguns aspectos imanentes à obra, o que fizemos com o auxílio e competência de Naumim Aizen. A ele cabe a contribuição do acompanhamento carinhoso da revisão e da adaptação do texto ao desenho.

Aos leitores e aos críticos, ofereço-lhes o meu trabalho. Meus agradecimentos às inúmeras fontes, às pessoas amigas que não negaram sua cooperação. Não teríamos espaço para nomeá-los, como o desejaríamos e, portanto, para não correr risco de ingratidão ou de omissão injusta, preferimos agradecer a todos, na pessoa do Prof. Manuel Maurício de Albuquerque.

Ao Sr. Adolfo Aizen, por sua iniciativa e pelo amor às coisas do Brasil; ao Governo do Estado de Pernambuco/Diretoria de Serviços Educacionais/Secretaria de Educação/Departamento de Cultura, que materializou, em parte, este projeto; ao Sr. Gilberto Freyre, que o inspirou, o meu muito obrigado.

Dados Biográficos de Estêvão Pinto

(Transcrito da 1ª edição de *Casa-Grande & Senzala em Quadrinhos*)

ESTÊVÃO PINTO foi catedrático de História Geral (desde 1926), docente de Sociologia Educacional (desde 1932) do Instituto de Educação de Pernambuco, e diretor (de 1948 a 1950) do Instituto de Educação de Pernambuco; professor de Legislação e Administração Escolar da Escola de Aperfeiçoamento (1933 a 1938). Lecionou Antropologia e Etnografia na Faculdade de Filosofia de Pernambuco, de que foi diretor durante seis anos, desde a fundação, em 1950.

Entre as obras de Estêvão Pinto, podemos destacar: *Pernambuco no Século XIX* (1922), *A Escola e a Formação da Mentalidade Popular do Brasil* (1931-1932), *O Problema da Educação dos Bem-Dotados* (1933), *Os Indígenas do Nordeste* (1935-1938), *Alguns Aspectos da Cultura Artística dos Pancararus de Tararatu* (1938-1952-1953), *A Santidade – Aspectos da Vida Social do Nordeste* (1939), *Ritos e Costumes Mortuários dos Tupinambás no Brasil* (1940), *Muxarabis e Balcões*, com prefácio de Gilberto Freyre (1953), *A Medicina dos Tupis-Guaranis* (1944), *O Parto entre os Índios do Brasil* (1946), *Os Primeiros Cuidados com o Recém-Nascido e a Iniciação entre os Antigos Índios do Brasil* (1946), *História de Uma Estrada de Ferro do Nordeste* (1949), *O General Abreu de Lima* (1949), *A Antropologia Brasileira* (1952) e *Etnologia Brasileira: Fulniô – Os Últimos Tapuias* (1956).

Além de *Casa-Grande & Senzala*, Estêvão Pinto quadrinizou para a EBAL *As Minas de Prata*, de José de Alencar. E há ainda duas quadrinizações inéditas: *História de Uma Estrada de Ferro do Nordeste*, de sua autoria, e *Singularidades da França Antártica, a Que Outros Chamam de América*, de André Thevet.

"Pois é história da formação brasileira,
do começo ao fim,
escrita através de sugestões plásticas.
Através de formas, de imagens, de simbolos."

Gilberto Freyre